ALIPIO BANDEIRA

ANTIGUIDADE E ATUALIDADE INDIGENAS

(CATECHESE E PROTEÇÃO)



RIO DE JANEIRO - 1919

ANNO XXXI DA REPUBLICA BRAZILEIRA

O produto da venda deste opusculo, descontadas as despezas de impressão, será empregado n[a] compra de ferramenta de mato para os indios amazonenses do rio Jauapery.

9-56

J. Leite
29.9.53
Brill.

Arthur Cezar Ferreira Reis
Maio 8 1931

ALIPIO BANDEIRA

ANTIGUIDADE E ATUALIDADE INDIGENAS

(CATECHESE E PROTEÇÃO)

Conferencia lida pelo autor na Bibliotheca Publica da Capital Federal, no dia 8 de Março de 1919 



RIO DE JANEIRO
Anno XXXI da Republica Brazileira
1919

Aos cidadãos — Coronel Rondon e Drs. Rodolpho Miranda e Nilo Peçanha, benemeritos creadores do Serviço de Proteção aos Indios, como penhor de gratidão civica, dedica o

Autor.

"Coitados! Elles não têm historiadores: os que lhes escrevem a historia ou são aquelles que, a pretexto de religião e civilização, querem viver á custa do seu suor, reduzir suas mulheres e filhas a concubinas; ou são os que os encontram degradados por um systema de catechese, que, com mui raras e honrosas excepções, é inspirada pelos moveis de ganancia ou da libertinagem hypocrita, e que dá em resultado uma especie de escravidão que, fosse qual fosse a raça, havia forçosamente de produzir a preguiça, a ignorancia, a embriaguez, a devassidão e mais vicios que infelizmente acompanham o homem quando se degrada.

Os escravos dos Gregos e Romanos eram de raça branca, e não sei que a historia tenha conservado noticia de gente peior."

Couto de Magalhães (Carta a Joaquim Serra — Selvagem, 1ª ediç.)

Cesta

Exmas. Senhoras,

Meus Senhores:

O problema indigena do Brazil é um assunto doloroso, de dolorosa e deprimente reminiscencia. Não ha homem de coração que possa delle tratar de animo frio, nem ha coração de homem que se não confranja e dôa deante do seu eterno aspecto de ferida aberta; porque, sendo uma chaga maior de quatro seculos, exposta a todas as vistas, clamando socorro pelas suas bôcas sangrentas, só encontra piedade, só desejos de cural-a em quem não dispõe do remedio, aliás indicado, experimentado e de facil aplicação. Percorrei os Estados do Brazil onde ainda se encontram indios (e são a maioria delles, são dois terços) desde o supercivilisado S. Paulo até ao selvagem Goyaz, ao longinquo Mato-Grosso, ao remoto Amazonas, e vereis, aqui nas visinhanças da Capital da Republica, ou lá nos confins quasi ignorados da grande Patria, vereis o nosso aborigine á semelhança de um homem que estando a se afogar num rio sem pelago debalde estende ao seu irmão, comodamente assentado á margem, os braços desfalecidos,

Ah, mas não penseis que seja esse o peior mal. Bom é quando, em vez do auxilio requerido, não lhe cae sobre a cabeça o golpe fraterno que aumenta a aflição e acaba o afogo. Podeis achar o nosso indio no meio da massa civilisada, segregado em miseras aldeias, arranchado em estabelecimentos de padres ou agremiado á sombra do serviço oficial creado em 1910: não o achareis em bôas condições, ou siquer bem amparado, em parte alguma. Lá, no seio do *povo*, é um desgraçado, ludibrio do seu proximo, alvo de todos os vicios; lá, no isolamento da aldeia, é um pária incapaz, assediado pelas necessidades e pelos desmandos alheios; lá, no *regaço* das companhias pseudo-religiosas, é um vil escravo de quem tudo se exige e a quem se faculta apenas o que é indispensavel para manter, apesar da miseria, a vida; e si é certo que aqui, sob o patrocinio federal que em prol delle se inventou, encontra bom trato e ensino adequado, é desgraçadamente certo tambem que, á mingua de recursos, por toda a parte escasseia o beneficio e falha o intento que de tal obra se esperava.

Quer o Congresso e querem os Governos manter o Serviço de Proteção aos Indios com verbas que apenas chegam para num ou noutro ponto do territorio nacional conservar debaixo de vistas algumas populações indigenas. Com essas verbas e com essa vigilancia, verdade é que se podem muitas vezes evitar as depredações e martyrios de que são alvo, os selvicolas; mas só. Deste modo si não fôra a dedicação do pessoal que lhe está

afeto — e nunca neste paiz nenhuma missão encontrou nem mais devotados nem mais audaciosos servidores — ficaria a instituição reduzida a ser, como tantas outras, uma inutil machina burocratica, senão mero pretexto de enscenações espalhafatosas — deploravel moda a que vamos dispensando demasiado gosto.

A incoherencia de semelhante procedimento não fica, porém, só nisto. Ao mesmo tempo que se votam os creditos do Serviço de Proteção, votam-se outros para auxilio á catechese religiosa. Pondo de parte a evidente inconstitucionalidade destes ultimos — e falo assim porque fôra escusado insistir nesse ponto, dada a inutilidade das demonstrações em tal sentido feitas — um grande, um inominavel absurdo resulta dahi, a saber: cada indio de catechese custa aos cofres publicos annualmente 70 vezes mais do que cada um dos que o governo pretende sustentar pelo seu proprio serviço. Em outras palavras mais claras: dá-se ao padre a quantia de 240$000 para cada indio que elle mantém sob o seu tecto (veremos depois para que fim) e dá-se ao serviço oficial, nas mesmas condições, com o mesmo destino, 3$600!

A diferença é, como vêdes, muito sensivel. Ella se verifica facilmente de um calculo em que se tomou para base, de um lado a média das dotações orçamentarias da chamada catechese salesiana e do Serviço de Proteção, e do outro lado o numero, arredondado, isto é, augmentado, de indios jungidos ás fazendas mato-grossenses dessa congregação, e um minimo exagerado, exage-

Ah, mas não penseis que seja esse o peior mal. Bom é quando, em vez do auxilio requerido, não lhe cae sobre a cabeça o golpe fraterno que aumenta a aflição e acaba o afogo. Podeis achar o nosso indio no meio da massa civilisada, segregado em miseras aldeias, arranchado em estabelecimentos de padres ou agremiado á sombra do serviço oficial creado em 1910: não o achareis em bôas condições, ou siquer bem amparado, em parte alguma. Lá, no seio do *povo*, é um desgraçado, ludibrio do seu proximo, alvo de todos os vicios; lá, no isolamento da aldeia, é um pária incapaz, assediado pelas necessidades e pelos desmandos alheios; lá, no *regaço* das companhias pseudo-religiosas, é um vil escravo de quem tudo se exige e a quem se faculta apenas o que é indispensavel para manter, apesar da miseria, a vida; e si é certo que aqui, sob o patrocinio federal que em prol delle se inventou, encontra bom trato e ensino adequado, é desgraçadamente certo tambem que, á mingua de recursos, por toda a parte escasseia o beneficio e falha o intento que de tal obra se esperava.

Quer o Congresso e querem os Governos manter o Serviço de Proteção aos Indios com verbas que apenas chegam para num ou noutro ponto do territorio nacional conservar debaixo de vistas algumas populações indigenas. Com essas verbas e com essa vigilancia, verdade é que se podem muitas vezes evitar as depredações e martyrios de que são alvo, os selvicolas; mas só. Deste modo si não fôra a dedicação do pessoal que lhe está

afeto — e nunca neste paiz nenhuma missão encontrou nem mais devotados nem mais audaciosos servidores — ficaria a instituição reduzida a ser, como tantas outras, uma inutil machina burocratica, senão mero pretexto de enscenações espalhafatosas — deploravel moda a que vamos dispensando demasiado gosto.

A incoherencia de semelhante procedimento não fica, porém, só nisto. Ao mesmo tempo que se votam os creditos do Serviço de Proteção, votam-se outros para auxilio á catechese religiosa. Pondo de parte a evidente inconstitucionalidade destes ultimos — e falo assim porque fôra escusado insistir nesse ponto, dada a inutilidade das demonstrações em tal sentido feitas — um grande, um inominavel absurdo resulta dahi, a saber: cada indio de catechese custa aos cofres publicos annualmente 70 vezes mais do que cada um dos que o governo pretende sustentar pelo seu proprio serviço. Em outras palavras mais claras: dá-se ao padre a quantia de 240$000 para cada indio que elle mantém sob o seu tecto (veremos depois para que fim) e dá-se ao serviço oficial, nas mesmas condições, com o mesmo destino, 3$600!

A diferença é, como vêdes, muito sensivel. Ella se verifica facilmente de um calculo em que se tomou para base, de um lado a média das dotações orçamentarias da chamada catechese salesiana e do Serviço de Proteção, e do outro lado o numero, arredondado, isto é, augmentado, de indios jungidos ás fazendas mato-grossenses dessa congregação, e um minimo exagerado, exage-

radissimo, dos que o governo deixa a cargo daquelle Serviço.

Diante desse confronto não é de admirar que os amigos da catechese, o que vale dizer — os inimigos do Serviço de Proteção — proclamem o exito daquella e a falencia deste, buzinando aos quatro rumos as vantagens della e os inconvenientes delle.

Este é, comtudo, um conceito duas vezes falso, e o primeiro fim desta conferencia é mostrar essa dupla falsidade, não para agredir nem para agradar a alguem, mas verdadeiramente para interessar as bôas almas, os brazileiros, os patriotas, numa questão nacional, imperiosa e sobremodo commovedora.

Não ha no Brazil todo nenhuma grande ou pequena missão religiosa de catechese: ha syndicatos, não direi religiosos — que a palavra merece respeito — mas eclesiasticos, de exploração do indio.

Isto, pouco mais ou pouco menos, escreveu no Pará o mesmo homem obscuro mas honrado que agora o repete solemnemente na Capital do seu Paiz, sem partidarismo e sem solicitação pessoal, antes animado do maior espirito de verdade e justiça e tendo deante dos olhos a imagem da Patria, de cujas aras sempre foi devoto, humilde, mas fervoroso, mesquinho, mas inflamado.

Ah, e quem não o fôra nesse triste assunto do nosso triste aborigene, tendo contemplado de perto a sua miseria, o seu sofrimento, toda a sua recondita infelicidade, todos os inuteis clamores

com que os seus amigos reclamam piedade, auxilio ou proteção ao menos?

Já num desabafo de magua patriotica disse-o o nosso insigne coronel Rondon nestas palavras ardentes:

"Hoje nos commovemos e nos indignamos á simples noticia das atrocidades e torpezas que se commetem na hedionda guerra européa e, comtudo, essas mesmas atrocidades e essas mesmas torpezas, com differença de gráos apenas, praticam-se diariamente no nosso territorio, contra patricios nossos innocentes, e não ha voz, não ha testemunho, não ha supplica que consiga commover siquer a infinita minoria dos que governam !"

Sabeis qual sejam esses patricios assim tratados num paiz que se orgulha, com toda a razão, de ser sentimentalista?

São os nossos selvicolas. São os restos dos nossos ascendentes americanos.

Elles nos deram sempre a sua experiencia e a sua dedicação; nós sempre lhes demos em troca a escravidão e a morte. E ainda agora, quando se extingue a pobre raça velada apenas pela saudade de meia duzia de corações sensiveis, máo grado á sua tradição de ferocidade e perfidia, limitam seus actos de guerra á defesa a peito descoberto dos ultimos recantos a que se abrigaram; já nem siquer empregam as setas envenenadas com que outr'ora facilmente eliminavam os inimigos; e nós, os civilisados, apesar da nossa fama de humanidade e cavalheirismo, nós os matamos

por motivos frivolos, por injusta prepotencia e algumas vezes chegamos a matal-os por simples covardia.

Repitamos esta phrase de dor e de oprobrio: — Por simples covardia, isto é, por infundado medo de ataque do mais fraco!

Desta sorte, quando o ultimo representante do pobre aborigene tiver desaparecido do scenario brazileiro, irá com elle sómente a ultima vitima da nossa crueldade, não irá nunca esse rastro de remota melancolia, que é o caracteristico da sua sorte, o signal da sua passagem sobre a terra, o perfume da sua palma de martyrio.

E comnosco, ai! — comnosco ficarão o estigma do remorso, a execração da historia e a magoa de termos transformado aquella semente de vida em pasto de guerra e morte, aquella doce flor de poesia e ingenuidade num fruto apodrecido por incontaveis corrupções que lhe transmitimos.

*

* *

O que fere a nossa imaginação, o que prende a nossa curiosidade, o que nos encanta, o que nos agrada, o que nos embala e deleita, o que nos commove e enthusiasma, o que admiramos, o que amamos, o que nos enche o espirito de sonhadoras divagações e a alma de suave e indescritivel nostalgia quando lemos as velhas paginas dos nossos primeiros chronistas, não é a audacia dos navegadores; não é a aventura dos inva-

sores; não é a situação paradisiaca dos colonisadores; — é a vida mysteriosa e primitiva do indio no meio da selva rude; é a sua natureza innocente e corajosa, sua indole afectuosa e fiel, são os seus pensamentos simples e claros, seus costumes, suas festas, seus idyllios; a confiança com que recebeu o estrangeiro poderoso, o prazer com que o instruiu das cousas da terra, suas crenças, seus desejos, seus temores, e todo esse mundo de representações poeticas que mais se adivinham do que se conhecem, e de que povoaram as solidões immensas do seu dominio.

Eram como grandes creanças habitando um mundo infindo, e, como creanças que tudo ignoram e tudo desejam aprender, familiarmente se entregaram aos invasores.

Que não os receberam estes como familia, como filhos americanos, que deviam ser, da patria expedicionaria, é materia demasiado conhecida para que não se tenha necessidade de insistir nella. Mas si á ação dos colonos como educadores e patronos nunca faltaram embargos, o mesmo não se dá com a da catechese religiosa, a que se atribuem geralmente exageradas conquistas que a historia, longe de confirmar, repudia e nega.

Quem quer que já leu o *Genio do Christianismo*, não póde ter esquecido a descrição que fez Chateaubriand, resumindo nesta parte o padre Charlevoix, da *Republica Christã* do Paraguay. São trinta aldeias risonhas, que a vigilancia dos padres segregou do mundo e que, como ultimo

e pacifico refugio das populações devastadas pelos hespanhóes, portuguezes e bandeirantes, lá ficaram no seio das florestas, á margem dos grandes rios, unidas na sua identidade, afortunadas na sua simplicidade, como si em novos moldes houvera resurgido na America uma theocracia da antiguidade.

Mansão de ordem e paz, tudo nella concorre e todos nella convergem para o bem estar commum. Ahi abrigou-se a pureza, ahi reina a concordia, mora a alegria, vive a doçura; e a propria suavissima fragrancia das matas, é para nós — tristes baldões de innumeraveis embates — um traço perfumado, um vestigio inebriante e doce do espirito harmonioso dessa gente. A amizade, a justiça, a hospitalidade, todos os ternos sentimentos, assim para os patricios como para os estranhos, eram cuidadosamente cultivados, e longe de excluirem a coragem, fortaleciam pelo contrario o valor na defesa da Republica. A indole branda e obediente do povo, a dedicação dos dirigentes, a veneração dos dirigidos, o concurso de todos para a constituição religiosa do Estado, levaram Muratori a conferir a essa amavel sociedade o titulo de — *Il chistianesimo felice*, dando assim a entender que alli só, e não no regimen das nações catholicas do seu conhecimento, encontrou uma imagem de tranquilidade, um typo de fraternidade, um exemplo de felicidade sobre a terra. E é certamente uma das mais encantadoras do mundo a historia ideal desse povo jesuitico.

"Lendo-a — escreve Chateaubriand — pa-

rece-nos que ninguem terá outro desejo sinão o de atravessar os mares e ir, longe das inquietações e das revoluções, procurar uma vida obscura nas cabanas desses selvagens e um tumulo á sombra das palmeiras de seus cemiterios."

Não era, comtudo, sem erros ou sem eivas o systema em questão. Quem examina a sua chronica minudentemente contada pelo padre Antonio Ruiz de Montoya, e sobretudo quem póde entender um pouco a tradução em abaneenga desse escrito, claramente vê que os jesuitas preparavam mais para o fanatismo do que para o trabalho os seus catechúmenos. Mas com esse só defeito, ou ainda com muitos outros, e com todos os crimes e abominações que lhe imputam os leigos, onde foi que existio, senhores, quando foi que houve em todo o territorio brazileiro, de norte a sul e de leste a oeste, uma organisação de tribus indigenas semelhante a essa nostalgica republica das reducções paraguayas? E por que não houve ?

Si os nossos catechistas do Norte, Vieira e seus companheiros, em vez dos nucleos civilisados a que sempre se apegaram, tivessem desbravado o interior, fundando seus estabelecimentos nos sertões, longe de qualquer contacto estranho, á semelhança do que fizeram seus irmãos hespanhóes, outros indubitavelmente deviam ser os resultados que obteriam. Elles preferiram a pratica absurda de transportar para os centros populosos aquelles pobres selvagens que haviam passado toda a vida no mato e que no mato encontra-

vam todas as suas tradições, isto é, fizeram exatamente o contrario do que faziam os missionarios de Loreto. Quizeram isolar o indio no meio da massa ocidentalisada (e isto era impossivel) mas não se quizeram isolar elles mesmos desse meio. E' claro que o insucesso não póde ser atribuido ao selvicola, mas deve cair inteiro sobre os seus patronos. O gentio era o mesmo, com os mesmos habitos, as mesmas tendencias, o mesmo gráo de civilisação. No Brazil, como no Paraguay, tratava-se de homens infantes, cujo futuro dependia menos da propria natureza do que da educação que recebessem. O padre Charlevoix lisamente o diz por estas palavras: — "Todas as suas faltas são faltas de meninos; em muitas cousas ficam elles a vida inteira meninos, tendo, aliás, todos as bôas qualidades da meninice."

De posse dessa pasta maleavel que podia, portanto, modelar-se á feição do estatuario, vamos ver o que fizeram entre nós os catechisadores catholicos.

Em 1549, em companhia de Thomé de Souza, chegou ao Brazil a pequena leva de padres jesuitas presidida pelo egregio Manoel da Nobrega. Esta primeira turma foi seguida, em 1550, de outra em que vieram Manoel de Paiva e Affonso Braz, e, em 1553, com o Governador Duarte da Costa, de uma terceira trazendo Luiz da Gran, José de Anchieta e mais quatro companheiros.

Fundaram esses padres em S. Vicente, Piratininga, Porto Seguro, Espirito Santo, Pernambu-

co, Ilhéos e Rio de Janeiro estabelecimentos de preparação religiosa a que chamaram "casas" ou "collegios" da Companhia de Jesus, não especialmente para agremiar e civilizar o aborigene, mas, conforme a expressão dos seus chronistas, "para acudir ás necessidades espirituaes, tanto de portuguezes como de indios." Não resta duvida que elles se ocuparam desde logo da educação e sobretudo da defeza do selvagem, padecente da cobiça e da ganancia dos colonos.

E' tambem notavel a puresa, e é incontestavel o heroismo com que esses homens se entregavam de corpo e alma ao santo ministerio que escolheram; nem a historia regateou jamais louvores aos Nobrega, Anchieta, Luiz da Gran, Navarro e tantissimos outros nobres e valerosos representantes do sacerdocio catholico.

Não tendo sido, porém, esta, e sim outra, a parte do paiz em que se assentaram as grandes missões exclusivamente dedicadas á catechese, justo é que, para traçarmos um quadro dos trabalhos e dos resultados da obra commum, abandonemos essa região de esforços apenas individuaes, ainda que grandes e immorredouros, e tomemos para modelo a que empregou a energia colectiva e um programa systematico. Somos assim transportados ao Maranhão — scenario grandioso do martyrio de uma raça que nos seus mesmos protetores, sem dar para isto motivos, acabou por encontrar algozes, e cujas aspirações, cujos sofrimentos, cuja indole, só despertaram interesse entre os homens sem poder; só encontra-

ram expressão nos estros de alguns poetas; e só nos cantos immortaes daquelle vate que respirou ao nascer as mesmas auras impregnadas ainda das vozes melancolicas desse lamentoso passado, tiveram tradução fiel.

Em 1615 aportaram ao Maranhão os primeiros jesuitas destinados á catechese dos indios. De então por deante ,até 1870, nunca cessou a corrente de padres que annualmente se estabeleceu entre a metropole e os outros Estados de um lado e do outro, a provincia especialmente escolhida para a formação da republica religiosa.

Já encontraram o aborigene atormentado pelos colonos e não tardaram a ter companheiros de ministerio em monges de outras Ordens, taes como os carmelitas, os capuchinhos, os mercenarios, etc., que procuraram de preferencia os rios amazonicos.

Desde logo se implantou a dissidencia e depois a luta entre os missionarios e os habitantes do Maranhão, procurando estes a todo custo escravisar o maior numero possivel de indios e tomando aquelles abertamente e denodadamente a defesa dos infelizes. Esta campanha, com variante fortuna, em que ora vencia o padre e ora triumphava o seu rival, posto que mais áquelle do que a este bafejasse a vitoria — o que se percebe nas alternativas da infinita legislação relativa ao caso — durou, com vantagens reaes para o selvagem, até meados do seculo XVII e prolongou-se por mais um seculo ainda, mas já sem aquella nobre significação dos seus primordios.

Efetivamente, os jesuitas que começaram patrocinando desinteressadamente a causa dos seus catechúmenos, e que nesta grande obra não poucos trabalhos, sacrificios e até martyrios sofreram, já estavam nessa época transformados em concurrentes e competidores dos colonos e, com escala pela exploração, pela violencia e pelos máos tratos, haviam chegado, por sua vez, a instituir a escravidão.

Em 1649, por excesso de castigos infligidos a uma india e pelos desgostos acumulados de seus conversos, "forçados a rudes trabalhos e sujeitos a uma disciplina sem doçura, foi salteada uma fazenda administrada pelos religiosos e mortos os seus ultimos dirigentes — dois padres e um irmão leigo." (1)

Em 1661, em treplica á resposta que dera Antonio Vieira a uma representação do Senado da Camara dos Deputados do Pará, diziam áquelle padre os representantes dessa Camara: "Vossa Paternidade se lembre da promessa que os missionarios fizeram a sua Majestade, de que não haviam tirar lucro dos Indios forros, nem com elles fabricar fazendas, nem cannaviaes, e só tratarem de doutrina espiritual; e se acaso Vossa Paternidade tem alguma ordem de Sua Majestade no temporal, será servido mandal-a apresentar neste Tribunal, para que nos conste della......" (2)

---

(1) Lucio de Azevedo — Os Jesuitas no Grão-Pará. pag. 42.
(2) Berredo — Annaes — Livro XIV, § 1.032.

Estes dois factos dão uma idéa da mudança, mas não lhe dão absolutamente a medida.

A falta de braços para a lavoura, num paiz de aventuras em que os adventicios tudo faziam para enriquecer rapidamente, foi o pretexto eterno da compulsão do selvicola. Havendo á mão innumeras tribus que se podiam dominar pela força e cujos elementos pareciam inesgotaveis, não se lembrou ninguem de fomentar a immigração européa, e, deante da falta de adaptação do indio — que pela maior parte antes morria do que se afeiçoava aos duros e methodicos trabalhos de que não tinham nenhum habito — em vez de procurar o remedio em uma racional mudança de regimen tendo por base o emprego do bom trato e a diminuição das exigencias, contentava-se o colono com a substituição, fosse como fosse, dos que morriam sob o jugo. As leis da metropole, aliás quasi sempre inspiradas pelos jesuitas, regulamentaram essa substituição por formas diversas a que deram os nomes de *cativeiros, resgates* e *descimentos*. Eram *cativos* os indios aprisionados no que então se chamava *justa guerra,* isto é, guerra pretensamente defensiva e guerra para castigo de verdadeiros ou supostos maleficios por elles praticados; eram *resgatados,* isto é, comprados a troco de ferramentas e missangas, os indios *de corda,* quer dizer, os que, sendo prisioneiros de alguma tribu, aguardavam o momento do sacrificio; chamavam-se, finalmente, *descidos* aquelles que, aceitando o convite dos brancos, abandonavam o sertão e vinham acampar junto

aos povoados, onde eram procurados para o serviço particular.

E' facil de imaginar quanta injustiça e quantas miserias se praticavam á sombra da lei. Basta para isto lembrar aqui um dos capitulos da *justa guerra*: — Iam os brancos á floresta, plantavam uma grande cruz e voltavam para o seu povoado. Os indios não sabiam o que significava aquelle symbolo; nos seus rudimentares desenhos é muito commum a disposição de duas linhas retas formando identica imagem; nada, pois, mais natural do que tomarem a cruz civilisada por uma simples obra em madeira, semelhante áquellas figuras que elles, com as suas tintas, pintavam. Mas a cruz dos brancos tinha grandes pregos, e isto constituia para os indios um achado precioso, não só porque reduziam os pregos a instrumentos cortantes e perfurantes, que lhes eram de incalculavel utilidade, como porque com elles melhores setas preparavam. Por conseguinte, derribavam a cruz e carregavam os pregos.

Quando voltavam os brancos, encontrada por terra a sua proposital ou involuntaria armadilha, declarava-se a *justa guerra* em que se colhiam os cativos ,isto é, os escravos.

Taes eram os frutos dessas disposições legaes. E, comtudo, os agentes dellas foram, durante longos annos, os proprios padres e, algumas vezes, o proprio Antonio Vieira.

Eis aqui o que em contestação á já citada representação do Senado da Camara do Pará escreveu o illustre chefe da catechese maranhense:

"Respondendo, como quem tem a seu cargo as Missões, digo, que o que ordena o Regimento de Sua Majestade, é que o anno em que houver de ir Missão ao Certão, os escravos que se acharem legitimamente cativos, conforme os casos da lei, depois de examinados, se resgatem: e neste particular se Vossas Mercês lançarem as contas, acharão que não só alguns annos (como suppõe o Regimento) houve Missão, mas que foram mais as Missões que os annos; porque desde o anno de 1865, em que veio o dito Regimento, se fez a Missão dos Tupinambaz pelo padre Francisco Velloso, a dos Nheingaíbas pelo padre João de Souto-Mayor, a dos Pacajaz pelo mesmo padre, a dos Aruaquizes pelo padre Francisco Velloso, a do Rio Negro pelo padre Francisco Gonçalves, a dos Carajaz pelo padre Thomé Ribeiro, a dos Poquiz pelo padre Manoel Nunes, e a de Ibiapaba pelo padre Antonio Vieira; e agora actualmente está outra no rio das Amazonas, em que morreu o padre Manoel de Souza, e ficou o padre Manoel Pires; nas quaes Missões, e em outras de menos empenho, se tem descido mais de tres mil almas de Indios forros e mais de mil e oitocentos escravos." (3)

A só apreciação desses numeros póde dar uma idéa das violencias de que eram objeto os indigenas. Como era possivel que se encontrassem 1.800 indios *de corda*, isto é, á espera do sacrificio, em excursões que rendiam apenas 3.000 forros ?

---

(3) BERRÊDO — Idem, § 1.030.

Observemos, de passagem, que essa instituição dos indios *de corda*, veio a ser mais nefanda e triste do que todos os artigos da *justa guerra*.

Estabelecendo-se deste modo a ganancia entre os selvagens, em breve estavam as tribus comvizinhas fazendo guerra umas ás outras com o fito principal de apresar um grande numero de inimigos para se venderem como escravos. (4)

Mais tarde a raça branca, á semelhança do que já fizera na Africa, lançava á conta do caracter indigena essa vilania que fôra ensinada, que era ensinuada e de que o indio, na sua ingenuidade, sem perfeita consciencia do mal que praticava, tornara-se apenas o instrumento direto.

Mas os forros seriam porventura mais felizes do que os cativos?

Estes forros eram, não obstante a classificação, outros tantos ludibrios da cupidez commum, assim do padre como dos senhores.

---

(4) Escreve Frei Vicente do Salvador (Historia do Brasil — Livro III, capitulo vigesimo): Com estes enganos, e com algumas dadivas de roupas e ferramentas, que davão aos principaes, e resgates, que lhes davão pelos que tinhão presos em cordas para os comerem, abalavão aldeias inteiras, e em chegando á vista do mar, apartavão os filhos dos paes, os irmãos dos irmãos, e ainda ás vezes a molher do marido, levando huns o Capitão Mamaluco, outros os soldados, outros os armadores, outros os que impetrarão a licença (para o descimento), outros quem lha concedeu; e todos se serviam delles em suas fazendas, e alguns os vendião, porém com declaração que erão indios de consciencia, e que lhes não vendião sinão o serviço, e quem os comprava, pela primeira culpa, ou fugida, que fazião os ferrava na face, dizendo que lhe custarão dinheiro, e erão seus captivos; quebravão os pregadores os pulpitos sobre isto, mas era como se pregassem no deserto."

Demos porém a palavra a um escritor catholico, amigo dos jesuitas:

"Os da ultima categoria (os forros), apezar da brandura recommendada não escapavam por isso á violencia, que era a fórma natural de taes emprezas (os descimentos). A cubiça dos colonos era nesse ponto patrocinada pelos missionarios, interessados em augmentarem o numero e a população das aldeias, onde quasi exclusivamente dominavam; e assim se creou uma distincção capciosa, na qual logo á primeira vista se descobre o dedo dos regulares. Os descimentos podiam ser de dous modos: o primeiro voluntariamente, indo os missionarios ao sertão captar os indios e persuadil-os da conveniencia de viverem com gente civilizada; o segundo pela coacção, obrigando-os "por força e medo" a aceitarem esta convivencia, que lhes repugnava. Semelhante proceder (diziam os theologos e letrados) "si não é rigoroso captiveiro em certo modo o parece, pelo que offende a liberdade." Mas logo proseguiam: "Comtudo, si estes indios são como os outros tapuyas bravos, que andam nús, não reconhecem rei nem governador, não vivem com modo e fórma de Republica", justifica-se a violencia empregada contra elles, "ainda que livres e isentos da real jurisdicção". Desta maneira — continúa o mesmo autor — se harmonisava a ganancia dos colonos com os affectados escrupulos dos missionarios, e se fazia lei a pratica abusiva de todos os tempos. Os indigenas, descidos por meio de simples persuasão ou pelo engôdo de mesquinhas dadivas, eram consi-

derados fôrros, e nessa qualidade tinham direito a salario, mas de facto viviam tão escravisados como os demais. Distribuidos pelos habitantes, a cujo serviço deviam ficar poucos mezes, viam protrahir-se indefinidamente o dia da liberdade. Esquecidos, confundiam-se em o numero dos captivos e não raro passavam de paes a filhos no acervo da herança, eternamente escravos com seus descendentes. Os outros, que tinham a viveza de por si reclamarem, ou protecção dos missionarios que os restituisse ás aldeias, só uma differença conheciam: a de mudarem frequentes vezes de senhor, não se achando por isso mais livres nem menos maltratados." (5)

Desde que o espirito de commercio sobrepujou o de religião, ficaram os pobres indios ao desamparo, presas de todas as voracidades ou, para empregar a phrase do poeta — *pasto universal* da America. Aquelles mesmos que se entregavam espontaneamente eram, tanto quanto os cativos legaes, sujeitos a todas as vexações. Si se contratavam para o serviço particular, não recebiam jámais a paga do seu trabalho, ao passo que os castigos corporaes aumentavam continuamente, até no seio das missões, á proporção que se exigia delles rendimento superior ás suas forças ou á sua falta de adaptação. Quando alguem denunciava algum crime contra o selvicola, chamado este a depôr, insinuava-lhe o senhor a dizer que era *de corda*, o infeliz fazia ingenua-

(5) L. de Azevedo — Obr. cit. pags. 136 e 137.

mente a declaração que o recambiaria ás garras do algoz; e, emquanto Vieira, ainda que por interesse da Companhia, votava pela liberdade, os padres das outras Ordens, para agradar aos poderosos, decidiam pela escravidão.

Ajustadas as forças coloniaes á exploração desapiedada, nenhum meio senão a repressão ditatorial poderia dar-lhe geito.

Em dezoito mezes de governo, desgostoso da impotencia de seus esforços para suavisar a sorte do indio, e, mais do que nos outros habitantes do Maranhão, vendo nos religiosos, por serem dissimulados e ordenados na mystificação, o verdadeiro e maior estorvo aos seus intentos, a grande alma de André Vidal de Negreiros aceitou pressurosamente, como um alivio, a transferencia que lhe ofereceu a Metropole para Pernambuco. Máo grado á sua bôa vontade, e apezar da inteireza do seu animo, os casos de desalmada prepotencia contra o gentio repetiam-se indefinidamente "disfarçados uns em sophismas juridicos, outros escapando pela distancia á repressão"; e, quando esperava encontrar nos catechistas dedicados protetores da raça perseguida, o contrario descobriu. "Por leves culpas — escreve o autor dos "Jesuitas no Grão Pará" — por leves culpas os mandavam açoitar e metter em troncos; e nem siquer os *principaes*, que o prestigio de sua autoridade devêra resguardar, escapavam aos humilhantes castigos. Algumas vezes chegaram os clamores á côrte, de onde saiu ordem para serem os missionarios admoestados *com moderação* pelo

Governador, mas, sem embargo, os actos de severidade repetiam-se, não raro dando lugar á vingança em que varios desses evangelisadores perderam a vida." (6)

Ora, si assim, e entre os religiosos, eram tratados os indios *livres*, não é de admirar que os cativos fossem marcados com ferro em braza para serem conhecidos como tal e distinguidos pelos donos. Pois apesar tambem disto e, ainda, de saberem que os selvicolas arrancados aos seus matos morriam pela metade, de doenças, de esgotamento e até de saudade do torrão nativo, os padres aprovavam o cativeiro dos taes resgatados e, sob pretexto de regularisar essa hedionda operação, elles mesmos, como vimos atraz, se encarregavam della.

Eis aqui a esse respeito a palavra de Vieira: "... e vindo ao remedio, que se aponta dos escravos do Certão, *posto que eu o aprovo muito*, e o solicitei com El-Rey, insistindo Sua Magestade que todos fossem livres, vejo porém, que o dito remedio por si só não é sufficiente, porque por mais que sejam os escravos que se fazem, *muitos mais são sempre os que morrem*, como mostra a experiencia de cada dia neste Estado (o Grão Pará), e o mostrou no do Brazil, (quer dizer — no sul do Brazil) onde os moradores nunca tiveram remedio, senão depois que se serviram com escravos de Angola, por serem os indios da terra menos capazes de trabalho, e de menos resistencia contra as doenças, e que, por estarem perto

(6) Obr. cit., pag. 142.

das suas terras, mais facilmente, ou fogem, ou os matam as saudades dellas." (7)

Era isto, comtudo, nos bons tempos, nos aureos tempos indigenas, em que o mesmo Vieira, desafiando os detratores das missões, podia de fronte mais ou menos erguida sustentar que patrocinava os resgates porque: — "quanto mais larga fosse a porta dos cativeiros licitos, tantos mais escravos entrariam na Igreja e se poriam a caminho da salvação."

Era no tempo em que elle apostrophando o procurador do Maranhão exclamava indignado:— "Pois os padres occupavam e divertiam infinitos indios, diga tambem em que os divertiam ou em que os occupavam. Tinham engenhos? Tinham canaviaes? Tinham lavouras de tabaco? Faziam alguma lavoura ou beneficiavam alguma droga das que ha naquelle Estado?"

Era, emfim, no tempo em que elle aconselhava a introdução de escravos africanos e a entrega absoluta dos indios á Companhia, sem despertar, sinão em alguns espiritos menos credulos, a suspeita de que a sua congregação queria ter as mãos livres para escravisar, ella só, sem competidores, os supostos catechumenos!

Imagine-se o que não seria quando os padres já não cuidavam acima de tudo da conversão religiosa! Quando não somente tinham os engenhos, os canaviaes e todas as lavouras, inclusivé a do tabaco, de que fala Vieira, sinão que possuiam

---

(7) Berrêdo — Obr. cit., § 1.030, (Os griphos são desta transcrição).

tambem o monopodio das drogas! E se pactuavam com os governadores concussionarios para exercer livremente o contrabando! E, sob falsos nomes, dissimulavam suas mercadorias por não parecerem exhorbitantes! E commerciavam abertamente sem pagar impostos ás alfandegas, nem dizimos, ao Estado! (8) Quando tinham fragata com flamula, bandeira e excellente artilharia! (9) E se fortificavam com os canhões dos frades allemães Anselmo Eckart e Antonio Meisterburg! Quando se serviam de caceteiros assalariados! (10) E eram convencidos de prevaricações, esbulhos e mercimonias! Quando em seus requisitorios podia Paulo da Silva Nunes dizer que os Collegios da Companhia *mais pareciam grandes alfandegas do que logares de oração!* Quando o padre Domingos Antonio, reitor do collegio do Pará, justificando o que elle chama os direitos da Communidade, escrevia á rainha de Portugal estas tristes palavras:

"Sendo nós os protectores das liberdades, por cujo respeito temos padecido tanto neste Estado, não queriamos nem podiamos possuir algum escravo que não fosse legitimo, assim como tambem não estamos para perder os que são verdadeiros e que possuimos com bom e seguro titulo, dando-os, como quer o governador, por livres." (11)

Ah! não abramos essas paginas de usura, concupicencia e lama, não poucas vezes tintas do

---

(8) Os Jesuitas no Grão-Pará — passim.
(9) Bazilio da Gama — Nota ao Uruguay.
(10) L. de Azevedo — Obr. cit., pag. 185.
(11) Os Jesuitas no Grão-Pará, pag. 273.

sangue dos nossos pobres fetichistas! O padre fazendeiro, o padre negociante é uma aberração execravel. Pode-se acaso admitir que a mulher, transformada em agiota, conserve a delicadeza feminina, seu desprendimento, sua candura, sua ternura, numa palavra, a superioridade moral que é apanagio do sexo e o mais honroso fito das homenagens masculinas? Certo e claro que não. Como, pois, aceitar que o padre, cuja função é igualmente moral, possa conservar a pureza do seu santo ministerio si menos delle cura do que de azinhavrar as mãos nos lucros das fazendas?

Quando o padre Antonio Vieira, representando, aliás, o sentimento e traduzindo o pensamento de sua classe, aconselhava a escravisação dos negros de Angola; quando o padre Domingos Antonio apresentava documentos de legitima posse sobre indios, quaesquer que fossem os intimos propositos de um e do outro, estavam ambos, de facto, fornecendo cabalissimas provas da degradação a que chegára a catechese.

No caso do padre Domingos é patente a descahida; no de Vieira, não ha cortina que possa encobrir o monstro, nem eloquencia que lhe consiga dissimular a deprimente feição!

Pois que nasceu tão livre o preto da Africa como o amarelo da America; e que são um é outro igualmente vitimas da preponderancia do branco; e que são dignos de proteção e piedade; pois que á luz de qualquer philosophia somos todos uns dos outros irmãos; e que segundo a doutrina catholica somos tambem — brancos, pre-

tos e amarelos — filhos do mesmo Deus, com a mesma fatalidade sobre a terra e o mesmo destino além da vida, em que moral religiosa poderia o padre Vieira encontrar apoio á sua innovação! Como entender que se queira salvar uma parte da familia de Deus, sacrificando outra parte, igualmente bôa, da familia do mesmo Deus!

O catholicismo estava morto. Perdido o seu regimen, restava sómente a doutrina quasi inutil e esse culto claudicante que ainda hoje, graças á lei da persistencia, dura e subsiste.

A' semelhança de um rio magestoso que em certa parte do curso desaparece sob a terra, deixando á superficie os fios divergentes que mal podem assignalar a corrente sumptuaria de outr'ora, aquella grande theoria de abnegação e de amor, que pela voz de S. Paulo enchera o mundo, despejára no abysmo os seus mananciaes, restando apenas junto á borda tumultuosa um marulho indefinido que já ninguem claramente percebe.

Que homem de coração, que homem sinceramente catholico, entraria jamais, sem uma dor inconsolavel, naquella nova cathedral do Maranhão, cuja construção, conforme a carta régia de 30 de Maio de 1718, foi auxiliada com o resgate, isto é, com a venda de 200 indios? Não ha duvidar que Manoel da Nobrega, Anchieta, Luiz da Gran, Figueira, João Gonçalves, Navarro — todos esses prefereriam ser freguezes da cathedral velha; podemos afirmar que S. Bernardo amaldiçoaria

com palavras de fôgo essa abominavel igreja de escravidão, de martyrio e de morte!

Defendamos, porém, o catholicismo: não era, não podia ser elle: eram os seus falsos ministros; eram os ignorantes dos seus preceitos, os inconscientes, e os mercadores do altar, os traficadores da crença e da superstição.

O misero selvagem, entretanto, tinha perdido o unico abrigo em que por algum tempo se podera refugiar.

"Crescia o clamor — escreve o Sr. Lucio de Azevedo — crescia o clamor á medida que os sertões, tão populosos em outros tempos, se exhauriam. Em todas as obras de publica utilidade se empregavam indigenas. Fóra das leis da repartição, davam-se a particulares, como auxilio e favor especial; entravam nas congruas e apanagios dos funccionarios. As missões tinham o seu numero marcado nos regulamentos: aos jesuitas pertenciam vinte e cinco casaes por cada uma; com que, além das pensões, que recebiam da corôa, deviam occorrer á manutenção dellas; mas as necessidades do grosso commercio exigiam muito mais, e assim, devemos convir, não era exaggerada a voz, que os arguia de monopolisarem os indios em proveito proprio. Contra este proceder falam bem alto os documentos publicos. Exprobam-lhes trazerem os indigenas inteiramente occupados na extracção das drogas, negando-os aos moradores quando os pediam, e até os que eram solicitados para o real serviço, como dissemos; manifestam quanto é desagradavel ao monarcha verificar que

os religiosos empregam o seu maior cuidado nos negocios temporaes; prohibem-lhes terminantemente o lavrarem com os neophytos *canaviaes, tabacos ou engenhos de nenhuma maneira em tempo algum.* E a censura não é exclusiva aos jesuitas: attinge todas as ordens. Uma vez, o escandalo chega ao ponto de se mandarem retirar das missões os padres das Mercês e do Carmo, "por ser certo (diz a ordem régia) se estão servindo dos indios como escravos para suas grangearias e commercio." (12)

Na sociedade jesuitica essas grangearias subiam a importancias fabulosas. Temos disto uma idéa geral na carta que a respeito escreveu o Governador do Grão Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ao ministro da marinha Corte Real.

Diz elle: "Tambem é facto patente e notorio que, desde que os navios dão fundo no porto desta cidade, até que completam a sua carga, se conserva um feira grossissima, dentro nos ditos armazens em que os mesmos padres vendem a maior parte dos generos, reservando somente uma pequena porção para fazerem o commercio particular em seu nome, o qual ainda sendo de uma parte tão diminuta, importa na grossissima somma que abaixo demonstrarei a V. Ex.

Não podendo haver outra prova mais concludente que os manifestos dos livros da Fazenda Real, por elles consta que esse pequeno commercio, que os padres reservavam para si, desde o

---

(12) Os Jesuitas no Grão-Pará, pag. 199.

anno de 1726 até 1756, lhes não importou liquidamente menos de 159:898$000, deixando-se ainda por liquidar, por falta de noticias, algumas das parcellas, que constam das certidões da Fazenda Real e das contas a ellas juntas.

Importando o pequeno negocio uma tão consideravel quantia, quanto sommará o grosso commercio dos generos mais preciosos do Estado que a estes padres são privativos? como ambar, tartarugas, baunilha...

Tambem deve accrescer, ao negocio occulto, o que estes religiosos fizeram no Javary, no contrabando, que havia entre elles e os jesuitas castelhanos , o qual deixando o excesso a que aqui chego, e regulando-me pelas mais prudentes informações, é sem a menor duvida que lucram nelle mais de cem mil patacas liquidas..." (13)

Não se pense que estão aqui infundadas imputações oriundas de algum despeito politico. O Cardeal Saldanha, visitador e reformador da Ordem em Portugal, reconhece-as como verdadeiras no *Mandamento*, que a proposito expediu e nomeadamente acusa esses padres (são palavras suas) "de mandarem buscar drogas ao sertão para depois as fazerem vender, de mandarem salgar carnes e peixes para o mesmo fim e até de terem dentro nas proprias casas de suas residencias tendas de generos molhados, ou de fazendas comestiveis, açougues e outras officinas sordidissimas."

Absorvidos inteiramente com os lucros pecuniarios, já nessa época se limitavam os jesuitas

(13) Os Jesuitas no Grão-Pará, pag. 339.

á exploração exclusiva dos indios que se haviam habituado á escravidão, exemplo que não tardou a ser seguido pelos seus collegas de outras confrarias. Não mais havia missionario que quizesse relações com as tribus em que o sentimento nativo de liberdade podia explodir ainda, e menos havia catechistas que procurassem aproximações com as cabildas reputadas bravas. Estas e essas ficaram abandonadas á crueldade dos aventureiros, os quaes na hora da depredação ou captura pouca ou nenhuma questão faziam de matar — ignobil excesso a que — diga-se a verdade — não chegaram nunca os padres de nenhuma congregação, em nenhum tempo.

Lamentando a defecção, exclamava o Geral da Companhia em 1701: "Quem jámais havia de acreditar que a sociedade abandonasse a outros religiosos as missões mais difficeis!" (14)

Examinados com imparcialidade, é facil de ver que não podiam dar bons frutos os methodos empregados pela catechese entre nós. Nos melhores tempos tratou o padre antes de salvar almas para o céo do que de preparar homens para a terra, levando o exagero nessa materia ao ponto de refrearem as mais legitimas ambições materiaes do indio; nos peiores tempos, abriram mão de qualquer cuidado de educação e escravisaram-no com o unico fito de obter riquezas. E, nos bons como nos máos tempos, segregaram-no tanto

(14) "Quis crederet umquam homines Societatis dereliquisse missiones difficiliores, ut eas occuparent religiosi alterius religionis?"

quanto puderam do meio em que elle vivia e, para manter esse designio, nem sempre em justos motivos firmado, vedaram-lhe sempre o conhecimento da lingua portugueza. Ainda quando desprezassemos a ação meramente commercial para apreciarmos apenas aquella cuja elevação moral reconhecemos e proclamamos, quem pode hoje saber o que daria o nosso autoctone, si elle nunca foi convenientemente educado? Desgraçadamente cabe sobretudo aos padres, neste particular, a culpa do estado actual delle.

"Queriam civilisar os indios apartando os filhos dos paes e transformando, de um dia para outro, selvagens habituados á vida nomade das florestas em trabalhadores agricolas e pastoris presos á gleba. Por outro lado, encarando acima de tudo a salvção das almas, como era natural em homens sinceramente religiosos, descuraram a outra parte essencial da sua grande tarefa, isto é, o ensino suave do trabalho que faria aos seus catechumenos comprehenderem as vantagens da civilisação. Encheram-lhes a cabeça de phantasmas que elles não percebiam nem podiam claramente perceber, dada a falta de abstração a que estavam atreitos e que a sua mesma lingua eloquentemente revela. Não crearam entre elles as necessidades do homem civilisado, muito mais tarde proclamadas pelo governador Caetano Pinto e pelo Barão de Antonina como um dos meios mais eficazes á transformação do homem indolente e errante em trabalhador systematico e permanente da terra. Arrancavam-nos ás suas tábas longinquas, e a nos-

talgia do torrão nativo, a que tão afeiçoados se mostraram sempre os nossos aborigenes, não pouco contribuiu para o insuccesso da catechese. Quando em 1794 apareceram os sabios conselhos do bispo Azeredo Coutinho, que aliás nunca foram posteriormente experimentados pelos padres e com os quaes ter-se-iam efetivamente civilisado as hordas restantes do Brazil, era demasiado tarde para salvar as nações que a cegueira dos religiosos havia sacrificado.

Foi assim que nunca tivemos uma só tribu indigena que se constituisse em agrupamento social organisado e respeitavel, como fizeram os Pelle-Vermelha dos Estados Unidos, que não são nem melhores nem mais intelligents, nem mais ativos do que os indios brazileiros. E ao contemplarmos hoje a obra de mais de 4 seculos de catechese, o que desgraçadamente vemos é o triste resultado negativo de tanto esforço ás vezes em tão boa fé dispendido. Os Muras, que, conforme o depoimento do Ouvidor Sampaio, eram tão valorosos que traziam todo o Solimões, de uma e da outra margem, em perpetuo alarma — transformados na mais vil e deprimida tribu que se conhece; os Mundurucús altivos de Martius — algozes dos seus irmãos e servos desbriados e humildes do civilisado; os valentes Borôros de Ricardo Franco — ignobilmente algemados á nefanda escravidão salesiana. Pelo contrario, os Parintintins, cuja indole docil elogiára Martius, ahi estão amontados e amontados tambem grande parte dos Nhambiquá-

ras que von den Steinen encontrára amigos. "(15)
E si olharmos para os indios remanescentes, para esses residuos de indios que, sendo pelo menos a decima geração de aborigenes já civilisados, e estando junto ás povoações, conservam sociedade a parte, como na Bahia da Traição — Parahyba — como em Agua Bella — Pernambuco — veremos estranhas populações vilôas que só pela beatice se distinguem dos nossos mais asperos selvicolas. A não ser esta triste aquisição do fanatismo, nada mais receberam do meio em que vivem e ao qual permanecem alheiados, indiferentes, inadaptaveis.

São selvagens dentro de vilas; fetichistas incrustados no seio da nossa civilisação.

*

* *

Tal é o quadro da nossa antiga catechese. Uma só observação basta para patentear o seu malogro: — Nunca tivemos uma tribu ou nação indigena que sob qualquer aspecto se distinguisse em conjunto depois da tutela religiosa. Tivemos homens eminentes que se elevaram acima de sua raça, como os dois Camarão, Cunhambêbe, Tabira, Ararigboia, Tibiriçá, Jaguarary e outros, não tivemos porém familias, nem grupos cujas qualidades, desenvolvidas ou aperfeiçoadas, recomendassem de qualquer modo a ação dos padres.

---

(15) ALIPIO BANDEIRA — Artigo publicado na *Folha do Norte* (Pará) em 21 de Novembro de 1913.

Daquella mesma felicissima "Republica christã", poetisada pelo genio de Chateaubriand, além de que sómente carolice era de esperar durante innumeras descendencias, não poucas nem pequenas são as mazelas chegadas até nós.

No *Quinto ponto* da famosa *Relação abreviada* está escrito o seguinte:

"Nos sertões dos referidos rios Uruguay e Paraguay, se achou estabelecida uma poderosa Republica, a qual só nas margens e territorios daquelles dois rios tinha fundado não menos de trinta e uma povoações, habitadas de quasi cem mil almas e tão ricas e opulentas em fructas e cabedaes para os ditos padres, como pobres e infelizes para os desgraçados Indios, que nellas fechavam como escravos." (16)

"Os indios — depõe Bazilio da Gama — viviam na maior miseria. Apenas tinham as cousas necessarias absolutamente para a vida. Os padres, porém, viviam todos na abundancia e tinham jardins deliciosos onde recolhiam os espiritos cançados de trabalhar na vinha do Senhor..." (17)

Em carta de 26 de Junho de 1756 escrevia o general Gomes Freire á côrte de Lisboa:

"Os padres hoje, como no primeiro dia, sentem perder, e os indios vivem a estes em uma obediencia tão cega, que ao presente em este Povo, estou vendo mandar o padre cura aos indios que se lancem por terra, e sem mais prisão que o res-

---

(16) MELLO MORAES — Historia dos Jesuitas, tomo 2º, pag. 509.

(17) Nota ao *Uruguay*.

peito, levam 25 açoutes, e levantando-se vão dar-lhe as graças e beijar-lhe a mão. (18) Essas pobrissimas familias vivem na mais rigida obediencia, e em maior escravidão que os negros dos mineiros." (19)

A que celeste impulso cediam os padres em taes excessos? Que lei divina os movia?

A triste verdade, que aliás resalta da apreciação desses tristes factos, é que o catholicismo já estava então reduzido ás regras exteriores do culto, formulas impressionadoras, sim, mas quasi vãs, pois já os seus proprios ministros falseavam na pratica os mandamentos da grande religião.

Referindo-se especialmente aos jesuitas, e tendo em vista o seu papel junto ao nosso indio, escreveu o Sr. Lucio de Azevedo: "Ninguem jámais os livrará da pecha de haverem directamen-

---

(18) Aos indios repugnava muito o castigo corporal. Para conseguir que a elle se submetessem, industriaram os jesuitas um menino hespanhol, ajudante de missa, o qual depois de surrado beijava a mão do padre que lhe mandava applicar o açoite, agradecendo ao mesmo tempo o *ensino* recebido. Conforme narra o jesuita Pedro Lozano, e tambem se vê em Gay (pag. 34 das Notas á Historia da Republica Jesuita), e Southey (tomo 4º, pag. 27), estenderam os padres esta prova ao filho de um cacique, que nenhuma repugnancia mostrou em recebel-a, ficando dest'arte estabelecida a respectiva pratica. Quem conhece o carinho com que os nossos indios tratam seus filhos, e o ardor com que repelem qualquer especie de aviltamento, bem póde por esse facto avaliar o gráo de adaptabilidade de semelhante gente — sabendo que sómente como *ensino* aceitavam de bom grado aquillo que por injuria repulsariam, qualquer que fosse o perigo a encarar.

(19) MELLO MORAES — Obr. cit., tomo 2º, pag. 515.

te concorrido para a destruição da raça infeliz que pretenderam salvar." (20)

Ora, si no passado a catechese foi o que vimos e deu em resultado esse desastre proclamado por um autor catholico, não raramente defensor da Ordem Ignaciana, que poderiamos esperar da catechese moderna, depois de mais dois e meio seculos de dissolução das crenças catholicas?

O caso que vamos narrar, serviria para caracterisal-a, si não fosse certo que ha provas peiores, muito peiores, incomparavelmente peiores: Ao assumir a chefia da sua repartição no Estado de São Paulo, procurou o Inspector do Serviço de Protecção aos Indios informar-se da situação, e notando que na despesa orçamentaria figurava a importancia de 10 contos para catechese, tratou de indagar, como lhe competia, onde e por quem eram feitos os respectivos trabalhos. Em pouco tempo veio a saber pelos proprios frades capuchinhos descalços, beneficiarios daquella quantia, que elles a empregavam antigamente no Paraná por não haver aplicação que lhe conviesse em S. Paulo, mas que tendo morrido o irmão que naquelle Estado se ocupava disto, transferiram para Mato-Grosso a consignação. O Inspector ponderou que existiam em S. Paulo os Caingangs, muito necessitados aliás de conselho e auxilio, e os padres responderam que os Caingangs eram umas féras junto ás quaes ninguem queria ou podia chegar. O Inspector lembrou os Guaranys, miseras creaturas abandonadas pelos poderes publicos. explo-

(20) Obr. cit., pag. 139.

radas e maltratadas sem piedade pelos civilisados. Os padres replicaram que os Guaranys eram uns desmoralisados — raça de bêbedos e ladrões com os quaes não valia a pena perder tempo.

Ora, a uns evitavam os religiosos por medo, a outros repeliam por despreso, onde iriam, pois, esses homens dispender a somma que lhes dava annualmente o Congresso do Estado, si no Paraná, que elles citavam, não havia tambem senão essas duas especies de indios, isto é, os amontados Botocudos, guerreiros como os Caingangs, e os tristes Guaranys, da mesma familia dos de São Paulo e de equivalente desmoralisação? Si em Mato-Grosso identica situação se apresentava com os Cajabis de um lado e do outro os Bôroros, os Cadiueos, os Chamucucos? A' vista disto, e allegando isto, resolveu o Inspector requerer ao Governo que lhe fosse entregue aquella dotação orçamentaria para que o serviço a seu cargo lhe désse adequado destino. Durante alguns annos renovou a petição que não teve jámais despacho. Animados os frades com semelhante solução, lembraram-se de pedir que a verba fosse augmentada de dez para vinte contos e, ao que parece, o Congresso paulista achou a proposta absurda, tanto assim que logo cortou por inteiro essa despeza.

Como é sabido, as leis pombalinas de 1755 retiraram aos religiosos o patrocinio dos nossos aborigenes. De então em deante, como anteriormente, a legislação *hesitante e contradictoria* não serviu jámais para amparal-os nem contra a

crueldade do colono, nem contra a ganancia do padre, ficando elles, durante as administrações civis, ora ás mãos deste, ora ás garras daquelle, mas sempre vitimas de ambos.

"Os curas — escreve o conego João Pedro Gay — queriam que os indios assistissem todos os dias á missa e ao rosario, ás horas que bem lhes parecia e que muitas vezes eram intempestivas. Os administradores o impediam umas vezes com razão, outras sem ella, e o que resultava era que o cura mandava açoutar os indios que obedeciam ao administrador, e o administrador os que obedeciam ao cura, e estes castigos se executavam nos miseraveis indios, que não tinham outra culpa sinão a de obedecer áquelle que lhes inspirava mais obediencia." (21)

Em 1845 publicou-se o ultimo regulamento que, na monarchia, encarou de um modo geral o problema indigena do Brazil. Com elle se restabeleceu o regimen de diretorio no qual, entregues os indios a funcionarios civis galardoados com honras e graduações militares, mas sem recursos para os trabalhos inherentes ao cargo, bom era quando taes diretores se contentavam com as mercês e abandonavam as funções, porque quando tomavam a peito o seu oficio, transformavam-se em concurrentes dos mascates, regatões e quitandeiros avesados á exploração das aldeias.

Houve certamente excepções, mas tão insignificantes, tão improdutivas que em nada afe-

---

(21) Historia da Republica Jesuitica, pag. 268.

tam as consequencias geraes do regimen. Neste, como em qualquer outro, não houve jámais ensino ou educação racional do nosso aborigene, sinão apenas expoliação e ganancia como anteriormente e como ulteriormente. Posto desde mais de um seculo não oferecessem os padres melhores garantias de exito, aproveitavam elles e seus partidistas todas as oportunidades para acusar a direção leiga de incapacidade e contravenção.

Consultado pelo Governo imperial em 1865 sobre novos processos a empregar na catechese, respondeu D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará, que era preciso, antes de tudo, "remover os obstaculos que a tornavam impossivel, começando por acabar de uma vez com os taes directorios parciaes e entregar as aldeias a bons missionarios de provada virtude."

O alvitre foi aceito e o dominio dos padres restabelecido, mas a sorte do indio não melhorou.

"Poucos religiosos — escreve o Barão de Guajará, em linguagem que bem denuncia a condescendencia e mal encobre a verdade — poucos religiosos vieram ás regiões americanas e desses mesmos alguns não se recommendaram por zelo e probidade. Um ou outro não ennobreceu o seu santo sacerdocio. E' certo que nenhum maltratava e opprimia os selvagens, porém havia entre elles quem lhes sugasse o suor em proveito proprio." (22)

---

(22) Catechese de Indios no Pará — Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará, tomo 2º, pag. 169.

Ahi está como em nossos dias foi retomada a catechese catholica, que é atualmente fonte de grossa renda e coito de impurezas.

"E, pois que falamos de taes maldades — continúa o citado barão — refiramos um facto de recente dacta, praticado não ha talvez quarenta annos, facto que embora isolado e felizmente pouco repetido, (aqui o autor atenúa) não deixa de confirmar mais uma vez as extorsões exercidas nas aldeias. Em certo affluente do Amazonas houve um missionario que em curto periodo de tempo fez-se talvez millionario, explorando sem piedade, nem escrupulos, os miseros indios confiados ao seu patrocinio!" (23)

Ao entregar, em 1875, a administração da sua provincia escreveu em relatorio o dr. Pedro Vicente de Azevedo:

"As missões catechistas que nestes ultimos 20 annos têm havido no Pará não têm produzido beneficio algum notavel nem para o Estado nem para a religião."

E mais adiante:

"Mas emquanto se seguir o systema actual de missões, a pratica de tirar-se os indios de suas moradas, boas ou más, encurralal-os na aldêa para aprenderem o Padre-Nosso e fazel-o christão pelo baptismo que elles não comprehendem; emquanto o missionario não fôr procurar o indio e com elle habitar nas suas aldêas; toda missão ha de continuar a ser uma ficção administrativa,

---

(23) Idem, ibidem, pag. 169.

uma arte de gastar dinheiro inutilmente, uma caricatura de religião e de civilisação."

Em uma exposição apresentada em 1880 ao Congresso Legislativo local, dizia o dr. João Coelho da Gama e Abreu:

"O estado da catechese na Provincia é o mais desanimador possivel. Alguns dos directores entendem que aquelle logar é destinado para proveito seu. Dos missionarios que aqui têm estado, bem poucos têm seguido o exemplo de Frei Egydio di Garesio, antes a maior parte segue o exemplo de Frei Pelino de Castrovalva."

Quereis saber o que fez esse frei Pelino de Castrovalva — typo e modelo do atual catechista catholico?

Eis aqui o testemunho de Henry Coudreau, tão insuspeito como o dos presidentes citados, ou talvez mais ainda, atenta a excelente camaradagem que fez com um desses empresarios de catechese — o famoso frei Gil, sobre quem diremos adiante duas palavras:

"Das ilhas do Igarapé-Assú aos rochedos de Cuatacara — escreve o viajante francez — é a região da antiga missão de Bacabal.

Cabe-me fazer aqui o historico dessa missão hoje completamente extincta, mas que ficou bem vivaz na memoria dos habitantes da região. O fundador e director da missão de Bacabal, frei Pelino de Castrovalva, reunio ahi cerca de 600 indios quasi todos Mundurucús. Elle os recrutou ás margens do Tapajós até á altura de Chacorão e de Airé. Eram na totalidade indios já civilisados

que haviam trabalhado ou mesmo trabalhavam ainda com patrões. Elle não teve ninguem dos *Campinas* e não fez aliás nenhuma viagem ao interior.

Os indios foram postos no trabalho. Morreram em grande numero. Quando frei Pelino deixou a missão, dos 600 indios não restavam mais do que uns 50: todo o resto tinha morrido. E frei Pelino foi inquietado por ter sido mais feliz nos seus negocios do que na sua obra. Procedeu-se a um inquerito que deu em nada. Isto foi a uma vintena de annos.

E si frei Pelino voltasse hoje de Roma, onde soube se arranjar, parece, uma existencia assaz doce, reveria seu pobre Bacabal tão deserto como no dia em que alli aportou para a sua obra de fé.

Em lugar de sua missão, um instante florescente, elle não encontraria mais do que esta inutil e triste ruina de floresta virgem abatida — a capoeira melancolica. Bacabal retornou-se deserto. Comtudo, nesse ponto, como por toda a parte, lá onde a *empresa* tinha mallogrado, a iniciativa privada teve bom exito: o Tapajós se povôa agindo pelo esforço individual e não ha para isto necessidade de companhias subvenciondas de povoamento e civilisação." (24)

Alguns artigos de um atual regulamento columbiano dão uma idéa geral da organisação dessas emprezas.

Mostram, em primeiro logar, que hoje como antigamente não sabem os religiosos agir senão á

(24) Viagem ao Tapajós, pag. 28.

sombra da força militar, fornecida pelo governo ou organisada por elles. Como a propria palavra *redução* o indica, o processo dos padres, desde as missões paraguayas, consistia em reduzir, isto é, sujeitar as tribus selvagens por intermedio das expedições armadas que capitaneavam e que eram formadas, ora por contingentes de milicianos, ora pelos indios já escravisados e sujeitos á disciplina jesuitica.

Mostram, em segundo logar, o proposito de monopolisarem os indios e garantirem a sua autoridade sobre esses pretensos catechumenos, de modo que nenhum estranho possa entreter com elles relações, e, por ultimo, o plano de escravisação que vai desde a segregação até ao aluguel dos indios a outrem como objecto de renda.

Diz assim o Decreto n. 614, de 13 de Abril de 1918, sobre governo e proteção dos selvicolas do Uaupés:

"Articulo 1° — Los indios salvajes de las regiones del Waupés, no civilizados aun, pero si reducidos a Misiones, no estaran sujetos a las leyes comunes de la Republica y seran gobernados en forma extraordinaria por los Misioneros encargados de sua reducion, de acuerdo con las facultades que para el ejercicio de la autoridad civil, judicial y penal se les otorga por este Decreto."

"Art. 3°... letra *f*) Impedir que los indigenas seam llevados a trabajar en caucheros o ejecutar labores fuera de los terminos jurisdicinales de los respectivos Misioneros bajo cuyo cuidado se encontren, *a menos que se trate del cumplimento de contratos debidamente celebrados con la inter-*

vención de estos ultimos." (Os gryphos são desta transcrição).

... "*h*) Impedir que los llamados civilizados, especialmente los que no sean colombianos vayam a establecerse o a pernoctar en las reduciones o pueblos de indios que hayan formado los Misioneros sin la expressa siencia de estos."

"Art. 4.º — El Comisario del Waupés y demás autoridades civiles de aquella region prestaran su concurso a los Misioneros *en la labor de reducir* y civilizar a los indigenas; haran que se respeten y cunplan las decisiones que estos profieran en el ejercicio de las facultades que les estan conferidas.

El Comisario mantenerá en los sitios que le indique el Superior de las Misiones los Agentes de Policia necessarios para lograr el cumplimento de sus mandatos, *y este nombramiento podrá recaer en las mismas personas designadas por los Misioneros para el gobierno de los indios.*" (Os gryphos são desta transcrição).

Para comprehender bem o alcance destas disposições, é necessario saber-se que esses indios do Uaupés são, como todos os do Rio Negro, como os do Rio Branco e como os das missões salesianas, pobres homens pacificos, amofinados pelos detrimentos dos civilisados e, bem ou mal, os principaes trabalhadores dessas regiões.

Não esqueceu, por isso, aos missionarios tomar precauções contra os recalcitrantes, dentro ou fóra dos seus estabelecimentos, conforme a importancia do facto.

Lá dizem as letras *b* e *c* do artigo 2º:

b) "Castigar con trabajo correcional suave de uno a cinco dias segun la gravidade del caso, a los indigenas que se presenten en lugares publicos en estado de ebriedad, a los que renan y a los que cometan cualquiere otra falta que no revista gravedad contra la moral publica."

c) "Remetir con las seguridades necessarias a la autoridad civil más imediata, a los individuos que hayan cometido algun delito o falta grave, con la instrucion probatoria e informe correspondiente, para que sean jusgados por las autoridades conpetentes."

Como se vê, no art. 1º são os indios postos fóra das leis communs da Republica para serem extraordinariamente, isto é, á vontade, governados pelos padres, mas desde que os mesmos padres o reputem necessario, entram elles de novo nas leis communs, sendo julgados pelas autoridades competentes!

A' semelhança dos jesuitas da decadencia, os modernos catechisadores catholicos não despresam nenhum meio de ampliar o seu lucro e reter a sua presa. Si os processos brandos chegam, não empregam os da violencia; si são insuficientes, não os demove nem o recato nem a piedade. Defraudam a fazenda publica por innumeros expedientes, alguns incognitos e outros, a maior parte, tolerados pelos governos ou pelos seus agentes. Empregam toda a especulação nas suas compras e toda a ganancia nas suas vendas. Não escolhem vitimas; trabalham as mulheres

como os homens; e os meninos, desde que possam prestar algum serviço, hão de largar os brincos infantis, ainda que para isso tenha de entrar em scena o chicote do irmão feitor. E si alguem discorda desse systema de explorações e vexações, e, sobretudo, si vem a publico denunciar ou condenar essas revoltantes mystificações de catechese, póde estar certo de que terá trabalho para todo o resto da sua vida. A primeira cousa que fazem os pretensos missionarios é injuriar o discolo, seja homem, seja mulher. Aquele *santo* frei Gil, a respeito de quem prometemos atraz dizer duas palavras, amargurou a uma desprotegida senhora todos os dias que passou no Araguaya, por simples suspeita das intenções della, isto é, por havel-a tomado como uma concurrente á sua mercancia. Entra em jogo nesses casos a calunia e ninguem póde calcular até onde neste particular chega a audacia desses homens.

Na revista "Albor", de propaganda catholica, revista que se publicava, e não sei si ainda se publica, nesta Capital, para difamar o coronel Rondon, escreveram os padres que elle ganhava annualmente como diretor do Serviço de Proteção aos Indios 18:000$000, afóra 7:200$000 de diarias e mais *quanto pedisse* para remedios, telegramas, etc. (25).

O coronel Rondon nunca percebeu um vintem pelo exercicio de taes funções, era, portanto, facil desmascarar os inventadores, mas elles po-

---

(25) Numero de 21 de Dezembro de 1912.

deriam ingenuamente allegar que mencionando o regulamento aquelles vencimentos para o cargo de diretor, acreditavam que o referido oficial os recebesse, ainda que na verdade ficava patente a má intenção na parte relativa ás diarias, que em nenhuma hypothese poderia elevar-se á toda a verba que lhes é destinada, e mais na afirmação do *quanto pedir* para remedios e telegramas, parcela que não podia existir, que nunca exisitiu, nem mesmo como simples artigo de regulamento.

Onde, porém, a desfaçatez chega ao auge é quando escrevem no mesmo numero da mesma revista, que como coronel do Exercito tem o Sr. Rondon 20 contos de réis por anno de soldo e gratificação! Esses vencimentos constam de tabelas publicadas oficialmente, conhecidas e de facil verificação a qualquer momento, e dellas se vê que um coronel ou capitão de mar e guerra, isto é, o seu equivalente na Marinha, percebe anualmente dos cofres publicos 17:400$000!

Ora, si em cousas cujo exame está assim ao alcance de todos, não lhes dá pejo mentir e falsificar, imaginai o de que serão capazes naquellas que pela sua mesma natureza escapam muitas vezes a uma inspeção regular?

A maior e mais famosa das nossas atuaes sociedades de exploração do indio é a chamada missão salesiana de Mato-Grosso. Por isso mesmo só esta será considerada aqui — não com intuitos difamatorios, mas para mostrar ao Governo e ao Publico que, um com as suas subven-

ções e o outro com as suas esmolas, não sómente toleram, como tambem ajudam e pagam essa exploração, isto é, contribuem com dinheiro e favores para a escravisação dos nossos malaventurados aborigenes.

A primeira leva de salesianos chegou a Cuyabá em 1894.

Em 1895 o Presidente do Estado concedeu-lhes a direcção da colonia indigena de "Thereza Christina" e em 1898 dispensou-os desse cargo, dando-lhes como substituto um oficial de policia — "porquanto — resa o oficio respectivo — sob a direcção daquelles padres os indios até então moradores na referida colonia, della se retiraram, indo estabelecerem-se em differentes pontos, achando-se actualmente a colonia em completo abandono e decadencia, como foi officialmente averiguado pelo commissario a ella enviado pelo governo para esse fim..." (26)

Um dos factos que deram motivo a esse desastre foi o seguinte: — Um irmão leigo desrespeitou a esposa de um cacique. Este reclamou a punição do culpado. O diretor prometeu desagraval-o, mas nada fez. O indio reiterou uma e duas vezes a reclamação, e á vista da atitude manhosa do padre, que não dava execução á promessa feita, resolveu punir pelas suas proprias mãos o lubrico auxiliar da catechese. Aplicou-lhe uma grande surra e no dia immediato, ao mesmo tempo

---

(26) *O Paiz* de 28 de Outubro de 1912.

que comunicava o sucedido ao diretor, retirou-se com toda a sua tribu para o mato.

Numa entrevista concedida á "Noite", de 15 de Novembro de 1912, disse a esse respeito o proprio presidente que assignou a demissão dos salesianos — coronel Antonio Cesario da Motta: — "Em Cuyabá existiam tres jornaes, um official e dous da opposição. Um destes começou em artigos diarios a chamar a attenção do governo sobre as colonias de indios pacificados pelo Tenente Duarte, e, a pedido deste, entregues aos salesianos. Não liguei importancia nenhuma. Não obstante isso, as reclamações começaram a surgir de toda a parte, até que o jornal official tambem chamou a questão a si e pediu insistentemente para que o governo tomasse uma providencia qualquer. Resolvi, então, agir, enviando a "Thereza Christina", uma das colonias, o Major Joaquim Vicente, pessoa que merecia toda a confiança não só minha como tambem dos salesianos, de quem era amigo e cuja religião professava como um verdadeiro christão.

Meu caro Senhor, o estado em que este official encontrou a colonia era de tal maneira ruim que elle por mais que fizesse não o poude encobrir e fui obrigado a dispensar os salesianos."

Em 1902 conseguiram esses padres, e desta vez em larga escala, inaugurar os seus estabelecimentos particulares de negocios, sacrilegamente denominados missões. Adquiriram terras do Estado, compraram uma fazenda e fundaram tres colonias das quaes, segundo a classificação del-

les, duas são catechistas e uma industrial. (27) Numa dessas duas catechistas, todo o trabalho agricola e pastoril é feito pelos indios borôros, pacificados pelo atual coronel Rondon, ao tempo em que era capitão ajudante do coronel Carneiro; na outra, por indios da mesma tribu ha longuissimos annos apasiguados pelo citado tenente Duarte com o auxilio decisivo da india Rosa Borôro, conforme consta de um relatorio, de 1888, do dr. Marcondes dos Reis, então presidente de Mato-Grosso.

---

(27) A industrial, isto é, não indigena, é a chamada colonia Gratidão Nacional de Palmeiras.

Apezar dessa classificação, um dia o padre Pedro Massa, procurador nesta Capital dos salesianos de Mato-Grosso, requereu ao Ministerio da Agricultura, a doação de instrumentos agricolas, ferramentas e outros materiaes, na importancia de 50 contos de réis, allegando que tudo era para beneficio do "elenco mais intelligente e trabalhador dos indios borôros" do *nucleo colonial indigena Gratidão Nacional em Palmeiras.*

Submettido esse requerimento ao Diretor do Servição de Proteção aos Indios, pediu este informações ao Inspector de Mato Grosso, o qual mandou a Palmeiras o engenheiro Arlencaliense. A esse engenheiro declarou então o diretor da colonia que não havia alli nenhum indio, que aquelle era um estabelecimento particular da Ordem, de onde se haviam retirado os indios que antigamente empregava e onde, por nenhuma consideração, os receberia de novo!

Nessa ocasião soube o mesmo engenheiro que o padre Bulos, por ordem do diretor, havia atirado em dois indios ex-trabalhadores da colonia pelo facto de estarem pescando lambary numa cachoeira do rio que corre ao lado da propriedade salesiana. Interrogado o diretor a esse respeito, respondeu que os tiros haviam sido feitos de longe e só para espantar os indios. Um destes, porém, ficou queimado de polvora no hombro direito e o outro teve de mergulhar para escapar illeso.

Tudo isto está publicado e documentado no "Paiz" de 24 de Outubro de 1912.

Os padres salesianos nunca foram ao mato á busca de indios pagãos; nunca tiveram a menor relação com indios guerreiros; transitaram por estradas abertas pela Linha Telegraphica Rondon; não correram jamais o menor risco. E' certo que, ao contrario do que fizeram entre nós os antigos catechisadores, elles tomaram os indios onde os encontraram, no sertão. Assim procedem modernamente todos os religiosos que se ocupam de catechese e ha para isto varios motivos: 1°) é no interior que ficam e se manipulam as riquezas extrativas, que hoje dão grandes lucros e naquella época não tinham cotação; 2°) lá existem agora nucleos de população civilisada mais ou menos equivalentes aos do litoral nos seculos XVII e XVIII; 3°) desapareceu de todo o perigo de agressão em massa por parte dos selvagens, já porque os escolhidos para o agrupamento são sempre homens tradicionalmente inofensivos, já porque estes, com o mesmo empenho dos padres, e por excesso de mêdo não menos cauteloso, evitam qualquer contacto com as tribus guerreiras.

Tendo estudado, nesse particular, a situação do Estado, logo viram os salesianos quaes eram os indios que podiam ser facilmente escravisados e que individualmente já o eram, de facto, á vista do abuso com que os tratavam os fazendeiros e, como o unico fito da sociedade era o ganho commercial, com esses indios dotaram de trabalhadores suas estancias. Delles tudo exigem sem mais lhes dar do que o indispensavel á manutenção da vida. Com a ficção de pagarem 1$000 de

salario a cada indio, fazem-lhe, na verdade, uma extorsão, porque incitando-lhe o esforço no desejo de possuir alguma cousa, vendem-lhe por preços inacreditaveis os proprios objetos que gratuitamente recebem do governo para distribuição gratuita. Por exemplo, vendem ao indio por 25$000 um machado que o governo entregou para ser dado ao mesmo indio.

Nenhuma propriedade territorial cabe aos desvalidos colonos, nenhum cuidado hygienico, e nem siquer melhor alimentação do que a das selvas. A 12 de Outubro de 1912 estampou a "Noite" algumas photographias que mostravam ao lado das vivendas confortaveis dos padres, as miseraveis palhoças dos indios. A 2 de Setembro do mesmo, anno, em artigo do "Paiz", escreveu o falecido nacionalista Curvello de Mendonça, cujo ardor patriotico é bem conhecido desta Capital:

"Ha longos annos que o nosso governo subvenciona as taes fazendas catechisadoras dos indios da tribu borôros em Matto-Grosso. Para esse fim concedeu centenas de contos de réis, além de isenção de direitos para instrumentos, machinas e teares. Nunca houve, entretanto, a idéa, na verdade christã, caridosa e intelligente de emancipar uma familia de pobres borôros e concederlhe um pedaço de terra que era delles e que, ao demais disso, foi comprada com as subvenções do governo brasileiro.

Só agora, depois que o governo mais bem orientado, creou o serviço official de Protecção aos Indios, propondo-se com alto patriotismo rea-

lizar essa obra evangelica de emancipação do selvicola e de reintegração paulatina de suas terras sob uma fórma ampla, efficaz, dotada de recursos para o exercicio remunerador da agricultura e das industrias ruraes, só agora os directores das fazendas salesianas de Matto-Grosso promettem fundar povoações indigenas e conceder-lhes lotes de 6 metros de terra, pedindo, para isso, ao Congresso uma subvenção de cincoenta contos de réis.

E' curiosissimo. E, por isso, não admira que quizessem abafar a voz civica do Sr. Mauricio de Lacerda, quando, a 30 do mez findo, quiz esclarecer os seus collegas, pedindo o exame da materia, mostrando a necessidade de não ser quebrada a unidade moral e administrativa do serviço official de assistencia e civilização dos indigenas brasileiros."

Não menos impressionantes são os conceitos do Sr. Ministro da Agricultura em seu relatorio do mesmo anno de 1912, no ponto em que trata das fazendas salesianas e dos seus borôros. Dizem assim:

"Estão ainda esses indios em grande atrazo mental, não tendo siquer aprendido a lingua portugueza, não obstante contar uma das colonias nove e a outra seis annos de fundação. Tambem não fizeram progresso apreciavel nas condições habituaes de vida, pois moram em ranchos semelhantes aos que constroem nas suas aldeias, continuando a dormir no chão sobre esteiras, e não praticam ao menos as regras mais elementares de asseio e hygiene, que deviam resultar da sua

prolongada convivencia com civilisados. São mal vestidos e mal alimentados; comem em conchas de moluscos e não uzam talheres. Posto que plantem e cultivem grandes pomares e parreiraes, sua alimentação consta apenas de milho, macacheira, canna e, raramente, arroz e feijão. Nada possuem, e nenhuma esperança ha de que venham a possuir alguma cousa, porque estão sob um regimen em que nunca passarão de aggregados das colonias.

. . . .

Os mencionados estabelecimentos salesianos não cuidam só da agricultura, pois tambem tratam da creação de gados; e, na verdade, bem aproveitados os esforços dos indios que nelles trabalham (cerca de 400) produziriam muito mais e poderiam viver em muito melhores condições de conforto.

E' de estranhar que não plantem algodão e não teçam, ao menos redes que substituam as esteiras em que dormem. Tambem já era tempo de terem aprendido algum officio, sinão os adultos — dos quaes se póde, com mais ou menos verdade, dizer que repellem o aprendisado — ao menos os menores, os que, por exemplo, chegaram á colonia primeiramente fundada com cinco ou seis annos e que hoje devem ter 14 ou 15."

Essas palavras parecem imparciaes, já pela serenidade com que são escritas, já porque pertencem a um membro do governo. Ellas não o são, porém, nem poderiam sel-o pelo commedimento a que, no exercicio de seu cargo estava

atreito o ministro; e não sendo imparciaes, como revelam claramente desabono aos processos salesianos, são benevolentes porque dão apenas á pintura desses processos as desmaiadas cores da conveniencia oficial.

Um homem a quem não tolhiam os movimentos as peias de tão alta representação; que possuia sobre o Ministro a vantagem de ter visto e examinado as colonias e a de ter a alma ferida pela contemplação das injustiças que pesam sobre o nosso indio, como que se arreceiou de que o averbassem de apaixonado, e da negra verdade traçou apenas um debuxo, minucioso sim, mas não palpitante, porque não destacou as perspectivas, não definiu os detalhes, não accentuou as sombras, numa palavra, fez um esboço e não o quadro que lhe sahiria naturalmente da palheta se lhe não refreasse tantas vezes o impulso.

Refiro-me ao coronel Rondon. A sua apreciação é igualmente benevola e por isso mesmo serve melhor como testemunho de um cidadão cuja inteireza moral não sofre restrições. Em um oficio de 1 de Novembro de 1912 ao Ministro da Agricultura, reiterando o telegrama que lhe passára relativamente á inspeção feita ás missões salesianas, diz elle, entre outras cousas, o seguinte:

"Fiz observações relativamente á falta de hygiene e conforto das casas dos indios, evidentemente inferiors áquellas que elles constroem nas suas mattas.

Mostrei então que era preciso conceder-lhes um vasto quintal, em que pudessem cultivar e

crear alguma cousa, habitual-os a morar em casas semelhantes ás nossas, fornecer-lhes os utensilios domesticos mais rudimentares, como panellas para preparar o seu alimento e talheres com que o servissem. E, emquanto o dr. Murillo operava e curava muitos indios, em cujos corpos os bichos tinham feito viveiros, insistia eu na necessidade de dar aos selvagens ensejo e motivo de preferirem a nossa civilização, pondo justamente ao alcance delles os recursos que ella nos faculta e que lhes são desconhecidos. O padre Malan respondeu-me que pretendia demarcar na colonia do Sangradouro, para cada um dos indios casados e já civilisados, uma area de 6 metros por 25 metros. (28)

Provei-lhe que semelhante providencia não resolvia a questão, visto que esse pequeno lote encravado na grande propriedade salesiana, além de insufficiente, era, apenas na apparencia, uma posse do indio, sendo, de facto, um terreno de que nunca poderia lançar mão.

Como destacal-o, effectivamente, de dentro da colonia pertencente á Ordem? Como aproveital-o em tão reduzidas dimensões?

Essa medida, pois, só aproveitará á missão e nunca ao indio que por ella ficaria indefinidamente preso á gleba salesiana. Mostrei, pelo

---

(28) Como se vê, esta providencia relativa á propriedade territorial dos indios e a que se referiu Curvello de Mendonça, foi sugerida pelo coronel Rondon e não de espontanea iniciativa dos padres. Não consta, entretanto, que ella houvesse tido jamais execução, apezar da exiguidade das suas proporções.

contrario, que toda a terra trabalhada pelo gentio devia ser de propriedade sua. Nem era justo chamal-o para o nosso seio e negar-lhe aquillo de que nas suas mattas podiam á vontade dispôr, mesmo porque, conforme José Bonifacio affirmou e os espiritos mais eminentes da Humanidade reconhecem, as terras lhes pertencem e lhes estão sendo usurpadas desde o descobrimento.

Discordei da pratica de alugarem indios a fazendeiros, mediante pagamento que os alugadores recebem e que, segundo affirmam, gastam em objectos destinados á communidade indigena.

A esse proposito lembrei que os indios podiam encarregar-se da limpeza e conservação da picada da linha telegraphica, o que lhes daria recursos para adquirirem o de que, com suas familias, carecessem, proporcionando-lhes ao mesmo tempo certas regalias de emancipação necessarias.

Extranhei o uso de se pagar o trabalho dos indios com fichas, o que, além de outros inconvenientes, era um meio involuntario de induzil-os á falsidade ou contrafacção, como já succedera a alguns delles. Extranhei tambem que se déssem aos indios tão escassos e rudes alimentos, quando dispunham os padres de tão grandes recursos, aliás provenientes do trabalho indigena.

Extranhei ainda que só houvesse nas colonias carpintarias e uma olaria, havendo, sem nenhuma duvida, recursos para montar officinas e machinas de outras especies, destinadas á instrucção dos selvagens. Chamei a attenção do pa-

dre Malan para as queixas geraes levantadas contra o padre Salveto, accusado de tratar os indios com reprovavel violencia, chegando ao ponto de castigal-os a ponta-pés, e dirigil-os no serviço das roças, de carabina em punho, consoante informações que tive.

E devo accrescentar que só aceitei essa grave denuncia depois que, com sorpresa e pesar facilmente imaginaveis, notei que havia na colonia armamentos mais proprios de estabelecimentos militares do que de casas onde se deve pregar a paz e se ha de ensinar a fraternidade.

A proposito do padre Salveto disse-me o padre Malan que aquelle seu companheiro só era rispido na apparencia, possuindo, de facto, um coração bondoso, e quanto á irascibilidade que lhe era imputada, provinha de ter sido soldado, profissão em que contrahira habitos de mando! (29)

E, como eu insistisse pela necessidade de afastar semelhante missionario do convivio dos indios, retrucou que o não podia dispensar por ser um excellente agronomo."

Desse esboço, apezar de palido e incompleto — palido porque assim o quiz a magnanimidade do autor, incompleto porque não foi considerada a parte relativa á exploração salesiana de que são victimas os civilisados, pois é certo que se collo-

(29) Si tratando os indios a ponta-pés tem o padre Salveto um coração bondoso, imagine-se como estão perto da santidade, na opinião salesiana, aquelles que empregam apenas o murro ou a palmatoria.

caram os padres em pontos de passagem obrigatoria para os viajantes e sendo ahi os unicos donos de mercadorias vendem-nas por preços fabulosos, abusando clamorosamente da situação — desse esboço vemos:

1º) que os indios das fazendas do bispo Malan (todas as terras, doadas ou compradas, figuram no nome individual desse bispo) moram em

2º) que esses indios são de tal modo descura-
casas inferiores áquellas que os mesmos indios constroem nas suas matas;
dos que, apezar de ter anunciado a sua visita, o coronel Rondon os encontrou cobertos de parasitas immundos, que não pouco trabalho deram ao dr. Murillo;

3º) que os padres alugam indios a fazendeiros como si se tratasse de alimarias; como quem aluga um cavallo para viagem ou um burro para carga — o que por si só bastaria para mostrar o carater de escravidão a que estão sujeitos esses infelizes;

4º) que o trabalho do indio — que ganha 1$000 por dia e compra por 25$000 cada machado ou cobertor que lhe forneçam os padres, conforme está no oficio do coronel Rondon em ponto que deixamos de transcrever por não alongar mais este escrito, — é pago a fichas, isto é, com uma especie de moeda que só na propria missão tem curso;

5º) que ha pelo menos um padre — o italiano Salveto — que trata os indios a ponta-pés e os leva para o serviço armado de carabina, com o que vai conseguindo manter-se nesse emprego.

Que é mais preciso para mostrar que nenhuma preoccupação religiosa, senão apenas a mais abominavel ganancia commercial, existe na chamada catechese salesiana de Mato-Grosso ?

Pois o nosso Congresso entrega todos os annos da fazenda publica não pequena contribuição em dinheiro para que esses padres continuem a lograr e martyrisar os nossos mais desamparados patricios. Ainda este anno, porque fosse pequena a verba de trese contos já votada, engendraram elles uma pacificação de indios *ladrões e vis assassinos,* como, para armar ao efeito, os chamam em certa publicação salesiana, e o Congresso deu-lhes mais 50 contos. E, como o Estado de Mato-Grosso deu-lhes tambem 18 contos, temos que ao todo, e que indubitavelmente se saiba, pois ha nos orçamentos outras verbas que vão ter ás mãos salesianas, 81 contos pagou este anno o Brazil a uma companhia de padres estrangeiros para explorar, alugar, surrar e, por fim, difamar os filhos do mesmo Brazil!

Convenhamos, senhores, que é demais! Si, entretanto, amanhã se revoltarem aquelles indios, a que vai contendo o trabuco do padre Salveto, e si dessa revolta resultar a morte de um só desses homens crueis, enganosamente revestidos de batina, podeis ter a certeza de que o epitheto de ferozes e indomesticaveis maculará infalivelmente essas pobres bestas de carga, cuja incomparavel paciencia tiver falhado um dia! Serão felizes si uma pronta expedição policial não fizer entre elles o que fez com os Jauaperys do Amazonas,

levantados em 1905 por abusos de outra ordem.

Já houve no passado quem dissesse que o Brazil é a unico paiz do mundo que escravisa os seus proprios filhos. Era uma triste e desgraçada verdade, mas quanto mais vergonhoso e triste é ver que hoje o Brazil paga, e paga a estrangeiros, para escravisar seus filhos?

Vós que me ouvis, e que nunca estudastes estas questões, estranhareis naturalmente quanto digo mal da catechese e, como só louvores tendes conhecido a esse respeito, objetareis com incredulidade que sendo esses padres réos de tantas culpas, como é possivel que encontrem defensores e até protetores?

Desses defensores uma parte está de bôa fé e, acreditando mais na propaganda multiforme dos padres do que nas acusações dos patriotas que tomam por exageradas si não falsas — no que são ainda induzidos a erro pela manhosa politica dos mesmos padres, os quaes averbam essas acusações de frutos da competição, da inveja, da divergencia religiosa e de quantas outras intrajices lhes dê a elles na cabeça intentar; — outra parte, preterindo os interesses sociaes, postergando a piedade pelo aborigene em beneficio do seu interesse pessoal, sabe perfeitamente que defende e protege homens delituosos.

E' que os salesianos, ao passo que estabelecem fazendas de escravisar indios, armam tambem fabricas de fornecer atestados graciosos aos filhos dos potentados que se pretendem doutorar

e que maior questão fazem da *carta* do que do saber.

E, posto que os padres neguem algumas — reparai bem — algumas somente, das imputações que lhes são feitas, não penseis que todo o Congresso, que todos os membros do governo os tenham como isentos de culpa. Não! O espirito de tolerancia, porém, vai entre nós até ao crime — exceto quando se trata de punir o indio, a quem nada se perdôa, graças á sua fama tradicional de ferocidade e incapacidade que é hoje, como antigamente, uma formula civilisada de velhacaria e malvadez.

Lembrou por isto a alguns brazileiros que se preocupam da sua terra e do seu povo, tomar-vos como testemunhas da seguinte notificação que solenemente fazem, como si a voz que daqui interpreta o pensamento delles fosse de todo o paiz e de todos os seus concidadãos ouvida:

Senhores Membros do Congresso Nacional,

Senhores Membros do Poder Executivo:

Ha um grupo de estrangeiros que afirma dedicar-se á catechese dos indios e que sob esse pretexto recebe todos os annos uma certa parte da fortuna publica. Esses homens vos são inteiramente desconhecidos; não sabeis de onde vieram nem que destino têm.

Ha um grupo de brazileiros, cujo passado é publico: são na maior parte oficiaes do Exercito, homens que nunca se envolveram em negocio de especie alguma e que mais de uma vez, ou no

campo da luta defendendo a Republica, ou nos sertões inhospitos abrindo a terra á civilisação, mostraram que amam a sua Patria; esses asseguram formalmente, sobranceiramente, clamorosamente, que tal catechese, como todas as outras que existem no paiz, é uma illusão de homens de boa fé, uma burla, uma contravenção de homens de má fé. Não decidaes. Colocai no mesmo nivel a palavra dos aventureiros e a dos patriotas; mas si tendes, na verdade, zelo pela aplicação dos dinheiros nacionaes, mandai inspecionar as chamadas missões salesianas. Afim de que não possa haver impugnação, mandai um catholico, mas um homem de bem que ponha a verdade acima do animo partidario, e seja suficientemente despido de interesse pessoal e dotado de energia civica para não vacilar no cumprimento do dever.

Si, terminado esse exame, suas conclusões forem favoraveis aos padres, publicai em todos os jornaes — que esta voz que aqui se levanta é o verbo ignobil da calunia, e dai-lhe qualquer outro castigo que mereça o caluniador; mas si no inquerito se provar que os patriotas têm razão e que a voz que agora por elles fala, é verdadeira e justa — tende piedade dos nossos desditosos irmãos das selvas, antes que perdido o temor, esgotada a paciencia de sofrer, reajam e morram pelo bacamarte do padre Salveto ou ás pontas das baionetas policiaes.

Ah, não concorraes para que sobre a memoria delles recáia com aparencias de justeza o des-

cabido epitafio salesiano — *ladrões e vis assassinos*!

*

* *

Não nos espantemos das cousas que estão na ordem natural. No meio da anarchia de sentimentos e pensamentos que por toda a parte lavra, tambem aos padres lhes ha de caber uma parte, por minima que seja, da desordem. E' admissivel que uma tal ou qual disciplina tradicional os mantenha em casos normaes um pouco acima do commum dos homens. Mas si elles abrem mão do oficio religioso e vêm para a vida civil concorrer em negocios com os regatões e traficantes, então padres e leigos — todos ficam no mesmo plano. Não se distingue o padre em ser mais ganancioso ou mais cruel. A nós nos parece isto porque sendo a função delle moral, a degradação é maior, maior portanto a estranheza que nos causa. Mas não espereis tambem que possa alguem fazer tamanho mal como os padres na exploração de indios, e a razão é que só elles formam, e mais ninguem atualmente, companhias para tal fim. Os civis são exploradores isolados, elles são associações, commanditas, confrarias, polvos de mil tentaculos, que de toda a parte carretam material para a mesma bôca insacivel. Taes são os salesianos. Mas para que querem os padres tanto dinheiro, tantos recursos, tanta fortuna? Não esqueçamos que a mesma pergunta já se fazia nos tempos da degenerecencia jesuitica, lá

quando o padre Vieira e Francisco Xavier de Mendonça Furtado podiam dizer que era a comida delles "peior que em alguma outra parte" e que á confeção de suas batinas bastavam o algodão e o tijuco da terra. Para que o querem ninguem sabe, porque, si é verdade que já não se contentam com aquella antiga parcimonia, não é menos verdade que tambem não vivem de orgias, nem de dissipações. Não indaguemos para que o querem: o certo é que o querem. Sendo assim, não é de admirar que fóra das communidades pseudo-religiosas existam homens que estão em nivel moral superior e que, portanto, condenem o abuso. Na época em que os jesuitas prégavam a escravisação do africano e até já publicamente aplaudiam a dos indios, um simples homem politico escrevia o seguinte: — "A escravidão dos indios não póde jamais conduzir á prosperidade: emancipal-os será o meio unico de os levar ao trabalho; acceitem isso os colonos, e terão serviçaes tantos quantos lhes forem necessarios. Estas maximas faça o Governador por incutil-as no espirito das pessoas illustradas, e mais influentes da terra." (30)

Esta superioridade sobre os padres, que esteve outr'ora com o Marquez de Pombal, está hoje com os funcionarios do Serviço de Proteção aos Indios, — a instituição oficial republicana, encarregada de velar pela existencia do nosso selvagem.

---

(30) Os Jesuitas no Grão-Pará, pag. 243.

E por que está com elles? Porque sendo homens de sentimentos communs, isto é, não sendo aberrações da especie, praticam a theoria do indio, que aprenderam com o Marquez de Pombal, com José Bonifacio, Azerêdo Coutinho e não poucos padres do quilate de Nobrega, Anchieta, Luiz da Gran, Navarro, Figueira, João Gonçalves e tantissimos outros.

Elles sabem por isto que os indios guerreiros, os chamados indios bravos, são creanças que a civilisação aperriou, e os indios viciados—creanças que a civilisação perverteu. Para elles, pois, os Caingangs não são féras como pensa o frade capuchinho descalço, nem são os Guaranys bebedos e ladrões incorrigiveis, como supõe o mesmo bom frade. E de que têm sobrada razão dão provas cabalissimas esses mesmos Caingangs e esses mesmos Guaranys — aquelles pacificados ha mais de um lustro já, e estes reunidos em Araribá e tirando da terra, com relativa deligencia, o de que precisam para viver — uns e outros conquistados com amor por esses funcionarios.

O Serviço de Proteção aos Indios — como o seu proprio nome o indica, não cogita nem cuida de cousa alguma que não vise o amparo material, o apoio fraternal ao nosso aborigene. Nada tem a ver com as crenças, ou crendices delles, quaesquer que ellas sejam; e, mesmo nos seus habitos, não procura influir sinão moderadamente, com a maxima cautela, só introduzindo aquellas modificações que elles possam de bom grado aceitar e cujas vantagens nitidamente percebam. Daqui se

vê quanto é descabido o titulo de *catechese leiga* que lhe emprestam habitualmente as pessoas que ainda não apanharam a diferença capital que separa uma da outra instituição, isto é, a ação doutrinaria da intervenção simplesmente republicana. A palavra *catechese* supõe o ensinamento, o proposito de conversão em materia religiosa, politica, philosophica, etc., e, portanto, em nenhuma circumstancia póde caber ao Serviço de Proteção, que não cura absolutamente disto. Vê-se tambem que é possivel que existam, que trabalhem concomitantemente, lado a lado, o Serviço de Proteção e a catechese, seja de que especie fôr — catholica, protestante, theosophica, espirita, comtanto que se não violente com esse pretexto a vontade dos indios. Esclareçamos: si em um posto indigena do Serviço de Proteção encontrar adeptos o catechista, e si esses adeptos quizerem voluntariamente ouvir os seus preceitos, seguir as praticas de sua religião a qualquer hora, em qualquer tempo — nada ha que objetar. Mas si esse catechista estabelecer excessos prejudiciaes á saude dos indios; si os quizer de algum modo obrigar a receberem a sua instrução; si lhes prescreve, apesar delles, costumes que repugnam; si lhes inflingem punições aviltantes, então é claro que a sua catechese não póde ser aceita nem tolerada.

A principal obrigação da assistencia que o Serviço de Proteção deve ao indio é a defesa do seu tutelado contra a opressão dos civilizados. Como, pois, admitir que essa opressão se exerça

pelo simples facto de ser feita por homens de batina? Prova completa de tolerancia é já o permitir que se tome o tempo ao indio para encher-lhe a cabeça de phantasias que elle não entende nem póde claramente entender, dada a falta de abstração a que está sujeito. Prova incontestavel de tolerancia é sofrer que se queiram fazer mudanças instantaneas de crenças e de habitos, que só com muito tempo e avanço gradual seriam possiveis. O Serviço de Proteção apanha a irracionalidade do processo, mas não intervem, nem protesta, desde que o ensino seja ministrado sem imposição.

Os seus methodos, pois, são outros. Elle sabe que a alma do indio é a mesma alma do homem civilisado, apenas com as diferenças resultantes da situação fetichista em que aquelle se encontra. Sabe mais, por um lado, que o indio só ataca, geralmente, em represalia, atual ou remota — pouco importa — mas em represalia, e, por outro lado, que não é possivel transformar da noite para o dia individuos hereditariamente nomades em trabalhadores normaes adstritos a horas e contratos. Assim sendo, age de acordo com as suas convicções: Não teme os indios guerreiros como se fossem féras, nem considera os viciados como se fossem aberrações da especie. Sabe ainda que uns e outros, sendo da nossa mesma natureza humana, podem estar pervertidos, mas não são, em regra, perversos. Quando, portanto, encontra indios degradados cuida de regeneral-os; quando vai á floresta procurar os indios selvagens, trata de resguardar-se, mas não de responder ás agressões

que porventura receba; e quando agremia esses altivos combatentes ou aquelles submissos escravos, não exige delles sinão o que é indispensavel. Não perturba a cabeça de uns com innovações descabidas, nem agrava a dos outros com exigencias inexequiveis. Para um, como para o outro bando, tem amor e tem escala. E com essas disposições sympaticas, apezar da má vontade de que esteve sempre cercado, obtem resultados que honram a nossa Patria e que só não são devidamente apreciados porque contra elle conspiram o silencio, a manha, a maledicencia, a insidia, as miseraveis armas da traição, as da mentira, as do suborno, todas as conspirações subterraneas da intriga.

As obras do Serviço de Proteção estão, entretanto, á vista de quantos queiram ver. Antes de tudo, pela ação pessoal do coronel Rondon, elle pacificou os Borôros do Rio das Garças, uma tribu de Chavantes, a nação Nhambiquara, os Kepikiri-uats, os Barbados. Pacificou tambem com os seus agentes, os Caingangs de S. Paulo, que segregavam um quinto das melhores terras do Estado; os Giporocas e Nac-nanucs do Espirito Santo, que viviam em desavenças com os colonos italianos; os Patachós da Bahia; os Jauaperys do Amazonas, senhores inteiramente do rio do mesmo nome; os Coroados de Santa Catharina, cujas sangrentas lutas com os allemães de Blumenau são bem conhecidas; e ainda os menos famosos. mas não menos temidos Camacans da Bahia, Javahés de Goyaz, Nac-hererê do Espirito Santo.

Tentou a pacificação dos Urubús do Maranhão e, varias vezes atacado por esses indios, não desanimou, e só por falta de recursos deixou de ir ao termo da empreza.

Agremiou os Guaranys paulistas e os Borôros de S. Lourenço e, na medida das suas parcas dotações, prestou auxilio material e moral, intermitente ou constante, a individuos de todas as tribus conhecidas do Rio Grande do Sul ao Amazonas.

E fez mais: — Em 1912, cansados de sofrer, os indios Cunibas do Javary mataram o coronel Cornelio Chaves e sua mulher e raptaram as 5 filhas do casal, levando-as para o mato. Pois o Serviço de Proteção conseguiu, depois de dois mezes de trabalhos inenarraveis, descobrir esses indios e libertar as moças, as quaes durante todo esse tempo — diga-se em abono do nosso aborigene — haviam sido tratadas com respeito, atenções e delicadezas que certamente não teriam encontrado si em lugar dos Cunibas houvessem estado os civilisados daquellas bandas.

Fez mais ainda: Com o seu exemplo e a sua energia refreou o despotismo de que por toda a parte era vitima o selvicola e propagou com exito os seus methodos de paciencia e bondade, que só entre os salesianos — é necessario dizel-o, — digamol-o pois! — não encontraram seguidores.

Tudo isto fez e muito mais teria feito o Serviço de Proteção, si, em vez da má vontade com que é tratado (inclusivè pelas repartições publicas

onde os exploradores de indios valem mais do que os seus defensores — ainda que na verdade não ha neste paiz nenhuma instituição como aquella tão unanimemente servida de funcionarios honestos, dedicados e trabalhadores —) obtivesse verbas equivalentes aos seus encargos e apoio nos governos federal e estadoaes.

Movidos apenas por considerações de ordem civica conseguem esses homens efetuar conquistas que nem siquer passam pela imaginação dos padres, cujo intuito, entretanto, devêra ser mais elevado ainda.

E' que elles têm fé: acreditam na possibilidade de incorporar os selvagens á nossa civilização, creem nas vantagens mutuas dessa obra e estão convencidos dos processos que para isso empregam.

Os padres não têm preocupações tão altas. Para elles o indio é a machina da producção, o motivo da pedincharia, o instrumento da fortuna. Mais nada.

Quem ouviu jamais dizer que os salesianos de Mato Grosso procurassem relações com os Cabixis ou com os Cajabis? Quem, que os frades do Amazonas cogitassem dos Parintintins?

Ha mais de 50 annos, ha talvez mais de cem annos, não se encontra noticia de nenhum padre que haja tentado a pacificação de nenhuma das nossas tribus reputadas bravas. E, comtudo, é incontestavel que são essas as que mais necessitam da assistencia religiosa, já por serem pagãs, já por serem perseguidas e batidas pelos cauchei-

ros, que são os bandeirantes da atualidade. Tudo isto não obsta que os amigos da catechese alardeiem temeridades e heroismos della! Nessa comprovação de abnegados arrojos citam frei Gil, frei Pelino e até — por mais que isso pareça incrivel — os salesianos de Mato-Grosso.

Em 1915, de viagem para o Rio Branco, o Sr. Bispo de Phocea, allegando intuitos de catechese naquella região, solicitou do governo a doação de instrumentos, ferramentas e utensilios. O ministro da agricultura de então, Sr. João Calogeras, dispondo da fazenda nacional como si delle fôra, não sómente deu-lhe tudo quanto pediu, como ainda ofereceu-lhe outras cousas de que se não lembrára o bispo. O "Paiz" impugnou esta arbitrariedade ministerial e, entre outras cousas, disse que os habitantes indigenas do Rio Branco eram mais que muito catechisados e que aos Parintintins ou a outra qualquer das tribus amontadas devia dirigir-se, e á custa da Ordem, aquelle prelado, si de facto queria catechisar, isto é, converter á sua religião individuos a ella estranhos.

O Sr. Bispo respondeu que não fazia garbo de "amansar indios bravos", mas, sendo pastor do Rio Branco, era natural que cuidasse das ovelhas aborigenes tal qual como das outras. Abra-se mão do desaire que semelhante declaração implica e resta ainda esta irregularidade, a saber: que para pastorear os civilisados nada pedia o Sr. Bispo, sendo, portanto, natural que igual procedimento tivesse em relação aos indigenas.

Ora, coincidio com a partida do Sr. Bispo para o Rio Branco a exploração que do Rio Negro — inesgotavel mina de indios escravisaveis — andava então fazendo um padre que é ao mesmo tempo feitor e factor na chamada missão salesiana.

Que haveria de commum entre esses dous tentamens? Segredos de confrarias. Não procuremos desvendal-os. Mas uma cousa havia ficado de pé: — a confissão involuntaria do Sr. Bispo, de que elle não curava propriamente de catechese, pois abandonava os chamados indios bravos ou selvagens.

Quereis agora ver o que resa o art. 88, n. 22 da lei orçamentaria da despesa do corrente anno:

"Idem — De réis 10 contos á Escola de Agricultura Pratica na Villa do Rio Branco, Estado do Amazonas, e ao serviço de catechese dos indios pela respectiva prelasia...!" Ou, em linguagem mais intelligivel: — Doação de 10 contos de réis ao Sr. Bispo de Phocea por uma escola de agricultura de que não ha noticia e para uma catechese que não existe, que não existirá, que não póde existir, e que seria perfeitamente inutil si existisse, visto que os indios do Rio Branco são tão bons christãos em theoria como o geral dos civilisados e a muitos parece que excedem na pratica.

Não consta, efetivamente, que elles houvessem jamais expulso do seu seio os velhos irmãos enfermos e cegos como, sem que o podesse evitar o governo abacial do mesmo Sr. Bispo de Pho-

cea, e conforme os jornaes da época, fizeram os benedictinos desta Capital ao bispo brazileiro D. Joaquim de Almeida, exatamente quando o seu collega se preparava para tomar posse da prelasia amazonense.

Eis ahi, pois. Tudo esquecemos; tudo esqueceu o Congresso: esqueceu o tratamento recebido por D. Joaquim de Almeida; esqueceu que o proprio Sr. Bispo de Phocea havia declarado que não pretendia cuidar de "indios bravos" e, ao primeiro pedido desse bispo, deu-lhe 10 contos de réis para fazer no Rio Branco o que fazem em Mato-Grosso, e estão preparando no Rio Negro, os salesianos.

Não penseis, senhores, que se dá grande importancia aqui a essa misera quantia de 10 contos. Tudo é secundario deante da infração do sábio preceito constitucional que separa completamente o poder temporal do espiritual; tudo é secundario deante da escravidão do gentio. Podiam ser 10 ou 1.000 contos, — si elles não representassem uma disposição anti-republicana, si não servissem para agravar a infelicidade do nosso aborigene, não seriam siquer considerados. Mas esses 10 contos são os primordios de uma nova missão da especie salesiana que tanto mal tem feito aos indios e ao Estado de Mato-Grosso.

Já o previa em 1910, um dos nossos mais esforçados patriotas, o Sr. Manoel Miranda, quando no seu relatorio, como chefe da segunda sub-directoria do Serviço de Proteção, apreciava o facto surprehendente do Superior da Ordem Benedicti-

na, o mesmo Sr. Bispo de Phocea, requerer a posse de uma grande zona agricola e pastoril para os indios Macuxis e outros que — dizia o padre — lhe haviam enviado um "abaixo-assignado" pedindo-lhe que os fosse catechisar!

São estas as palavras do Sr. Miranda:

"Outra questão está ainda affecta ao Inspector do Amazonas. E' a que se refere ao pedido do Superior da Ordem de S. Bento, afim de que seja assegurada aos indios Macuxis e outros, no Rio Branco, a posse das extensas terras em que vivem no seu nomadismo, allegando que esses indios *pediram* aos frades da Ordem, e pediram *expontaneamente*, que os fossem catechisar!

O vosso despacho, decisivo e legal, liquidou o caso no dominio, por assim dizer, do direito; resta a questão de facto.

Esta é, talvez, de certa gravidade, demandando perfeito tino na direcção dos acontecimentos e impondo, a par de uma digna prudencia, uma esclarecida e persistente energia de acção. A verdade acerca das intenções da Ordem mal se vela na allegação altruistica da catechese. Trabalho, obrigação, imperioso dever do funccionario encarregado de cuidar, no Amazonas, do interesse do indio não se comprehende como alguem possa vir assim, num acto mettediço, avocar funcções que estão claramente commettidas a outrem, por força de lei positiva.

Cabe-me aqui, num rapido parenthesis, abordar a séria questão do respeito á liberdade espiritual no que ella se possa relacionar com o nosso

Serviço. Encarregados officialmente, não de catechese, que seria violação dos principios republicanos, mas de méra assistencia, de *protecção* systhematica, é bem de ver que a obediencia aos mesmos principios nos não póde impor a impassibilidade deante de factos que representam exactamente um dos typos daquella violação praticada por individuos que, além disso, preparam terreno para o assessoramento do indio, visando o aproveitamento do seu trabalho por fórma não compensadora. Ainda aqui, em face dessa especie de locação de serviço, caberiam a ingerencia e fiscalisação do Inspector, de modo a defender o trabalhador dessa exploração, a que se pretende que o anterior amanho catechisador dê um certo verniz de obra benemerita.

Tenho para mim que o conjuncto dos nossos deveres moraes, sociaes e civicos nos impõe uma conducta de defesa, de assistencia, de protecção ao indio contra as tentativas de escravisação espiritual e material, partam ellas de quem quer que seja.

Tal conducta, é claro, só póde ser mantida em face dos promotores de semelhante situação deprimente, entre os quaes seria desrespeitoso e ingrato collocar os verdadeiros apostolos do bem, os filhos de Anchieta e Nobrega.

Deante destes ou de seus verdadeiros continuadores, a attitude seria a do maior acatamento, da mais subida sympathia, mestres que elles são na benemerencia e no altruismo.

Mas, posso affirmar, qualquer delles não pensaria nunca em possuir terras por meio de um pedido para que se assegurasse ao indio *protegido* a posse das mesmas terras...

O respeito á liberdade espiritual e a garantia á obra de conversão promovida pelas religiões, quaesquer devem merecer o maior cuidado por parte dos verdadeiros republicanos, mas não é, nem póde ser admissivel que, á sombra de tão bellos principios, se queira fazer exactamente a sua immolação.

O momento, portanto, requer o mais fino tacto, a mais viva penetração, de modo a ser perfeitamente differençada a acção nobilissima e altruistica do hediondo e sordido egoismo disfarçado." (31)

Um ligeiro historico da atividade dos benedictinos no Rio Branco mostrará que não de temores vãos, mas de ponderadas reflexões, nasceu esse grito de alarma.

Estabeleceram-se esses padres na fazenda *Capella*, de Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha, e, terminado o praso do arrendamento em 1916, como não conseguissem chegar a um acôrdo com o proprietario para renovação do contrato, obtiveram no acervo estadoal um grande tracto junto á foz do Cauamé, afluente do Rio Branco, a uma hora de canôa da villa de Bôa Vista e nas lindas meridionaes da fazenda nacional de São Bento.

---

(31) Relatorio do Ministro da Agricultura para 1910, pag. 278.

Criam gado, trabalham em ferraria e apparelhamento de madeiras, têm uma excelente e vasta lavoura na serra fronteira e vendem legumes, farinha e outros produtos do seu labor.

Nunca ensinaram ou educaram nenhum menino indigena, nunca promoveram o casamento catholico de nenhum indio e, apesar de se encontrarem perto os Jaricunas e os Ingaricós, que, sendo pacificos e de boa indole, conservam-se, todavia, na maior parte inteiramente arredios; e, apesar de não muito longe ficarem os Porocotós, os Manhodons e os Tapiocas, de quem pouco se sabe, mas de quem se sabe que são igualmente inofensivos e que, atrahidos pelas vantagens da Guyana Ingleza para ella frequentemente se transferem, apesar de tudo isto, nunca fizeram os padres o menor esforço, a menor viagem, em procura ou em beneficio desses selvagens.

Elles têm indios no seu estabelecimento como os tem qualquer outro fazendeiro, á soldada, com essa diferença — que os leigos pagam mal, quando pagam, o salario ajustado, e elles, em vez de dinheiro, dão-lhes roupa.

Essa roupa consta de um calção, curto pelo joelho, e uma blusa, e são de propriedade do indio emquanto permanece no trabalho. No dia em que elle, saudoso de sua mata, pede para voltar a ella e resiste ás ponderações do seu patrão, este, o padre benedictino, toma-lhe a roupa e entrega-lhe a tanga com que o desgraçado chegára á fazenda.

Ora, estas cousas são sabidas de quem quer que tenha ido ao Rio Branco; dellas devem ter pleno conhecimento pessoas de representação que se encontram atualmente nesta Capital, inclusive um chefe de secção do Ministerio da Agricultura.

Pois, Senhores, os processos da catechese catholica são taes, que ha bem poucos dias un homem que já tem dado provas do seu amor ao nosso aborigene e da sua dedicação ás causas nacionaes; (32) que é, além de tudo, membro de uma ativa sociedade patriotica — o Sr. Hannïbal Porto — escreveu o seguinte em um artigo que publicou no "Jornal do Commercio":

"Os missionarios (os benedictinos do Rio Brânco) fazem a catechese educando as creanças indigenas e, depois que ellas attingem a adolescencia, casam-nas, dão-lhes uma pequena casa, as ferramentas mais necessarias para o trabalho agricola e continuam a prover-lhes á assistencia moral.

Para uma obra destas, numa região em que existem 15.000 Indios, claro é que uma subvenção de 10 contos é simplesmente ridicula." (33)

Não ha uma só afirmação verdadeira nesse trecho, a não ser a de que os padres tiveram 10 contos de réis dados pelo Congresso.

Já vimos que elles até hoje, ou para falarmos com absoluta certeza, até Fevereiro de 1918, não tomaram para educar nem um menino indi-

---

(32) Veja-se o livro — *Em defesa da Amazonia* — por Hannibal Porto.

(33) Edição de 15 de Fevereiro de 1919.

gena; que não deram assistencia religiosa a nenhum indio; assim, para a contestação completa, aliás indispensavel, do que, certamente em boa fé mas certissimamente illudido, assegurou o Sr. Hannibal Porto, resta-nos apenas asseverar que só uma casa até agora fizeram os benedictinos no Rio Branco — é aquella em que moram; que os casamentos catholicos de indios que se têm efetuado naquelle rio são muito poucos, e todos devidos á iniciativa do Sr. Alipio Freitas, administrador da fazenda nacional de S. Marcos; e emfim, que todos os indios conhecidos daquella região não chegam talvez a 10.000, dos quaes os padres nunca tiveram nos trabalhos de sua fazenda mais de vinte e cinco individuos de uma só vez, numero muito menor do que o dos selvicolas que servem a diversos outros fazendeiros, sem que por isso recebam estes auxilios ou subvenções do governo.

Posto nada até agora conste a respeito de educação e ensino de creanças indigenas, assim como não ha noticia da escola agricola, que com a catechese, serviu de pretexto para a dotação de 10 contos, é possivel que de um anno para cá tenham os padres recebido em sua fazenda alguma dessas creanças para aquelle fim.

A veracidade, porém, ou falsidade desta allegação num momento póde tirar a limpo quem quizer dirigir-se ao citado funcionario do Ministerio da Agricultura, que ha um mez mais ou menos regressou do Rio Branco.

Seja como fôr, porém, o que é fóra de toda duvida é que dentro de um anno não ha milagre

que consiga transformar um só de taes educandos em adulto — para o fim de casar-se e receber uma pequena casa da mão dos padres.

Esses, assim, tão audaciosos que parecem inverosimeis, são os processos positivos da catechese, mas devemos observar que os ha tambem negativos. Por exemplo: na conferencia que ha pouco tempo fez na Sociedade Nacional de Agricultura, o Sr. Bispo de Phocea falou de tudo que interessa ao Rio Branco — do desvio das cachoeiras por estradas, da introdução de automoveis, dos melhoramentos mais prementes, da epidemia de impaludismo, dos selvicolas... e não deu uma só palavra a respeito do Serviço de Proteção aos Indios.

E', comtudo, no Rio Branco, onde esse Serviço, por motivos que facilmente se explicam, tem mais eficacia. Ahi está, sob a direção do inspetor delle, a Fazenda Nacional de S. Marcos, fazenda que faculta emprego a dezenas e fornece recursos a centenas de gentios; ahi estão diversos remanescentes da *Defesa da Borracha*, que hoje são aproveitados em beneficio do indio, para cujos filhos deram uma escola agricola e uma de primeiras lettras; e ahi, sobretudo, encontra-se um chefe ativo e vigilante, que defende o nosso aborigene, tanto quanto isto está em suas mãos, das fraudes e das violencias dos civilisados. Porque é sabido, constatado oficialmente e afirmado pelo proprio Sr. Hannibal Porto, que o trabalhador quasi unico do Rio Branco é o indigena. Dahi provavelmente a informação que lhe deram de cuida-

rem os padres das creanças, pois, quanto aos homens, aquelle digno cidadão sabia e sabe que não precisam de catechese mais do que qualquer dos nossos sertanejos do nordeste, do interior de Minas ou dos pampas rio-grandenses.

Deante de tudo isto, examinados os precedentes e consideradas as probabilidades futuras, façamos votos para que sejam bôas as intenções dos padres benedictinos e, sobretudo, para que elles consigam apenas as subvenções, mas não consigam os indios, porque ai! destes si uma organisação semelhante á dos salesianos toma pé no Rio Branco.

Dada a situação do selvicola, a operação é certamente mais dificil ahi, mas o scenario é mais vasto e os recursos maiores.

Meditando um só instante que seja sobre essa immensa região fronteiriça, tão bem dotada de condições naturaes e de população genuina, haverá coração de patriota que se não dôa de ver quanto abandonamos ao estrangeiro ?

Quando chegará o dia de trocarmos as tricas politicas e a bacharelice de toda a especie pelo utilisação da nossa terra — legado opulentissimo que reclama todas as maravilhas da industria e toda a energia da raça ?

*

* *

Nossa Patria é materialmente grande, é moralmente das melhores e, pela propaganda que ha

trinta e oito annos recebe, devia ser politicamente unica e incomparavel no mundo.

Si a voz dessa propaganda houvera sido escutada, estaria o nosso aborigene amparado e, porventura formando no seio do grande paiz estados rudimentares, pequenos sim, mas respeitados e felizes. Desde quasi o seu inicio o Apostolado Positivista pregou a verdadeira theoria do indio e difundio os ensinamentos que a esse respeito escrevera José Bonifacio. Com o apoio do excelso Patriarcha demonstrou, de plano, como eramos usurpadores e como nos cumpria reparar os erros dos nossos antepassados occidentaes socorrendo e salvando o que restava dos desprotegidos autoctones, injusta e ingratamente martyrisados. Mostrou — e outros neste ponto fizeram o mesmo — como nos ajudaram elles desde a descoberta do Brazil, como e em que gráo contribuiram para as conquistas internas que realisámos, para os estabelecimentos que fundámos, para as industrias que encetámos e até, e sempre, e com espontaneo sacrificio, para as guerras que sustentámos. Proclamada a Republica propoz que as diversas tribus fossem consideradas como outros tantos Estados, cujos territorios haviamos de respeitar, cuja independencia, cujo desenvolvimento, cabia-nos proteger, tanto por obrigação moral como por interesses materiaes reciprocos. Elles ficariam assim sob a nossa égide, como nações irmãs, fracas e atrazadas, mas livres.

Não faltou quem achasse absurda e até ridicula semelhante proposta. Prevaleceram sobre os

ditames da justiça e da razão as phantasmagorias juridicas, sem que os opugnadores da idéa se lembrassem de que uma tal organisação era a mais adequada á segurança e aproveitamento dos destroços da raça.

O Brazil é da Humanidade, e a republica é o regimen natural da fraternidade. Mas o Brazil pertence mais ao povo brazileiro do que a outro qualquer, e ,dentre todos os povos do mundo, nenhum é mais nosso irmão do que essa pobre gente aborigene, da qual em parte descendemos.

Dessas verdades intuitivas, elementares, axiomaticas, não ha, de certo, um só homem que discorde, tenha embora nascido entre nós ou nos confins da China. Mas si quereis vel-as combatidas, desprezadas e quasi que systematicamente contrariadas, contemplai-as na aplicação politica, observai-as no dominio pratico.

Ahi, apesar da nossa arrogancia verbal, nem sempre justificavel, nós entregamos a nossa terra ao estrangeiro, e, ao passo que abandonamos os trabalhadores nacionaes que temos á mão, vamos buscar os da Europa, que só por excepção nos podem prestar melhores serviços, que em regra nos desprezam visceralmente e que não raro são elementos de perturbação, de desordem e de anarchia. Mais: si alguma vez ha entre as duas classes concurrencia, nós escolhemos a dos estrangeiros. Mais ainda (tenhamos a coragem desagradavel de falar contra os nossos proprios compatriotas e irmãos, desde que o reclama o serviço da Patria) mais ainda: na ordem administrativa damos em

geral preferencia áquelles dos nossos patricios que são partidarios da opressão e da *casta;* aquelles que são indiferentes á fórma de governo, si é que não optam pela monarchia como mais favoravel ás suas inclinações; áquelles que igualmente nos têm como raça inferior e que, conscientemente ou não, trabalham contra os nossos sentimentos, contra os nossos habitos, contra as nossas tradições.

Estes, conhecendo o meio e a situação em que vivem, organisaram sociedades secretas e, para mais facilmente se apoderarem dos logares, propalam uns dos outros competencias que de facto não existem ou que assentam em nonadas. Imaginai um medico que gastasse seis mezes a discutir as diferenças externas dos dois pulmões humanos; um engenheiro que empregasse igual tempo a demonstrar que a aplicação dos materiaes das construções depende da resistencia de cada um: um professor a provar que o calculo das relações é do dominio da algebra, ao passo que o dos valores pertence á arimetica; um artilheiro a debater pela imprensa os pontos de pontaria que os seus goniometros lhe podem dar em toda a circumferencia, cujo centro ocupa o canhão.

Pois é de ninharias taes que se compõe o saber de tal gente.

Com isto invadiram as secretarias e repartições; com isto frequentemente anulam alguma liberdade publica, que a nossa Constituição de modo claro resguardou, com isto, e com o seu desamor á lingua vernacula, não poucas vezes dão a assignar aos chefes erros e disparates que tanto

mais desagradavelmente impressionam quanto mais elevada é a posição social de onde dimanam.

São por outro lado afeiçoaveis e acomodaticios.

Mudam ás vezes de proceder, conforme seus interesses pessoaes, mas não mudam de convicções e, portanto, continuam a trabalhar surda e sorrateiramente no mesmo rumo da autocracia quando o ambiente não lhes permite agir de cabeça alevantada. Dahi a dobrez com que enganam a muitos que lhes dão de bôa fé apoio, acreditando que elles se modificaram ou que tendo opiniões retrogradas em certos pontos, marcham, ou podem marchar, em outros de acôrdo com a evolução nacional.

Ha uma superstição indigena que nos fornece uma imagem vivaz dessa duplicidade. Contam os velhos padres das missões paraguayas que os Guaranys tinham tanto medo aos tupys, seus inimigos, que acreditavam não terem dedos os pés destes ultimos, e sim dois calcanhares, de tal modo que se não podia saber quando elles iam, nem quando vinham, isto é, que direção assilavam as suas pégadas.

Taes são os nossos patricios arregimentados no partido da brutalidade e da insolencia. São os homens de dois calcanhares.

Mas, sejamos justos: — Esses brazileiros ambiciosos e transviados, ao que parece, por uma falha de intelligencia e não por falta de sentimento, têm incontestavelmente o seu lado estimavel.

Elles são pela maior parte honestos cumpridores das suas obrigações e se esforçam louvavelmente por bem saber o seu oficio. Além disto, a maioria deles acredita sinceramente estar servindo ao seu paiz, ainda quando uma parte das suas cogitações seja ou redunde em vantagem propria.

Toda a questão, pois, é saber aproveital-os naquillo que cada um póde razoavelmente dar, e não consideral-os os mais competentes porque falam, porque intrigam, e até porque fornecem provas de incapacidade nos mesmos titulos de competencia que apresentam; e não consideral-os os unicos afeiçoados ao seu oficio pelo facto de exagerarem estolidamente a respectiva aprendizagem.

Ah, essa falta de tacto na escolha das aptidões é, como a falta de confiança em nós mesmos, é como o desconhecimento dos nossos proprios recursos, apanagio antigo nosso!

Nos Estados Unidos, John Joseph Pershing é promovido de capitão a general por haver pacificado e governado algumas tribus. Feita a redução dos indios, administrou-os com bondade, e dos seus esforços patrioticos foi duplamente recompensado pela gratidão dos governados e pelo reconhecimento do governo.

Quando a grande nação precisou de um chefe para commandar milhões de soldados em terra estranha, não foi buscar os professores de manobras, nem os fetichistas do jogo da guerra, mas aquelle homem que havia passado longos annos em regiões diversas, de dificuldades sempre no-

vas, a dirigir soldados e civis de todas as indoles, porque

"A disciplina militar, prestante",

como diz o Poeta, não se aprende na phantasia,

"Senão vendo, tratando e pelejando."

No Brazil, o coronel Rondon se entrega de corpo e alma á obra mesma do capitão Pershing, com a diferença de que a sua é dez vezes mais dificil, dez vezes mais prolongada e dez vezes maior e melhor, e isto é motivo para que, na opinião de muita gente, não mereça promoção.

Elle está fóra do Exercito, dizem candidamente os seus impugnadores.

Na verdade, nunca houve no Exercito brazileiro, nem ainda considerada a guerra contra o Paraguay, quem durante tanto tempo tivesse como elle necessidade de pôr á prova, quasi que diariamente, sua coragem, sua energia, sua decisão; a habilidade, a prudencia, a perspicacia, a paciencia, a fortaleza de animo.

Elle vive ha quasi 30 annos em uma das mais asperas regiões do mundo, e dirigindo uma obra que por si só, dadas as hostilidades locaes, bastaria para absorver a capacidade de um homem não commum, ahi tem commandado, durante todo esse tempo, o refugo dos batalhões, que lhe é enviado nos contingentes, afóra trabalhadores de

todas as classes — tudo isto cercado de nações indigenas mais ou menos agressivas.

Quem já venceu iguaes perigos e estorvos ?

Quem já lutou neste paiz com identicas dificuldades de transporte?

Qual o homem que já esteve, como elle, tantas vezes, na contingencia de deliberar em situações complicadas e em casos inesperados ?

Qual o que já formulou planos mais vastos de ação sobre o tereno, afim de resolver problemas em que entram as certezas e as probabilidades e para cujo exito não só a sua vontade mas tambem a cooperação de centenas de homens concorre ?

E serão, por acaso, outros os dominios da tatica e da estrategia?

Deu-nos o destino o mais formoso, o mais fertil, o mais comodo paiz deste planeta e nós suspiramos por outras terras menos bellas e menos uberes, onde em certas épocas recorre a nossa especie ao artificio para poder viver.

Temos a felicidade de descender das tres raças humanas, o que quer dizer que trazemos em nosso cerebro as qualidades, como carregamos nas veias o sangue de todas, e, em vez de bemdizermos essa situação privilegiada, maldizemol-a, pelo contrario, como estigma de inferioridade.

Perguntai aos detratores da mestiçagem onde está a lei natural em que assenta esse descredito e elles responderão com innocuas phantasias; nem siquer percebem que a mistura physiologica continúa a se fazer por toda a parte, em todo o mun-

do, tal como o caldeamento sociologico, sem que contra isto tenham nenhum poder os apuradores de raças.

Deixemos, pois, que já é tempo, aos homens de entendimento curto essas visões estreitas em que se não podem enquadrar os destinos da humanidade. E, olhando do alto a nossa terra e o nosso povo, reconheçamos a grandeza do patrimonio physico e moral que nos coube. Falta-nos—isto sim — cultivar systematicamente um e outro pela industria e pela religião — industria que podemos transportar quando quizermos, religião cuja aurora ha 38 annos illumina o nosso horizonte. Não nos faltam elementos de progresso, senão apenas encaminhamento e coordenação desses elementos.

Quem já uma vez contemplou a natureza no seio virgem do Brazil, sabe que não ha no mundo paiz mais encantador, nem mais suave.

E quem tratou com o nosso homem primitivo no amago das florestas em que se refugia, sabe tambem que não ha selvagem mais brando, mais afetuoso, leal e confiante.

Nem lhe negaram jamais os velhos chronistas essas qualidades, antes acentuaram e propagaram todas ellas, ainda que na verdade prevaleça hoje a opinião dos viajantes levianos, segundo a qual mudaram os aborigenes, de afetuosos que eram, em ferozes, de fieis ,em traiçoiros e de ingenuos em maliciosos e desconfiados.

Prevalece a lenda cavilosa da incapacidade, em detrimento da apreciação imparcial e justa.

Assim, recordemos, para fechar esta conferencia, dois factos historicos, que além de comprovarem em casos elevados a boa indole do gentio americano, servem, sobretudo, para mostrar quanto uma educação conveniente poderia tirar de tal gente.

Conta o padre Dutertre que havia em Guadalupe uma joven india tão convencida da sua miseravel condição que não quiz jamais transmitil-a a outrem pela maternidade. Resistio ás ordens de casamento que lhe deu varias vezes o seu senhor, e quando, intervindo o padre, lhe designou este certo moço como sendo um bom esposo que ella devia aceitar, respondeu-lhe com firmeza: — Não, meu pai, eu não quero este nem qualquer outro; basta que eu seja desgraçada em mim mesma, sem dar ao mundo filhos que seriam mais desgraçados ainda do que eu e cujos sofrimentos me seriam muito mais sensiveis do que os meus proprios.

Esta é a historia da *Donzella das Ilhas* — titulo que lhe atribuiram os civilisados, por haver conservado sempre, com aquella convicção, o seu estado virginal.

O outro facto encontra-se no padre Montoya e passou-se em Itapuam, nas missões paraguayas:

Um indio muito devoto, que desposára uma india tambem devota e muito honesta, no mesmo dia do matrimonio propoz á esposa que se conservassem como irmãos um ao lado do outro, porque — dizia elle — posto fosse o casamento uma vida "bonita e sem pecado", conforme prégavam

os padres, mais pura e mais bonita era a de castidade em que até então tinham vivido. A moça aceitou a proposta e os dois viveram felizes na situação combinada até que muitos annos depois morreu o esposo.

Para conservar o seu sabor de ingenuidade e poesia transcrevamos agora as proprias palavras de Montoya na continuação da narrativa.

"O padre João de Torres tendo cuidados e considerando sobre a virgindade da mulher deste fallecido moço, a fez chegar-se a si e perguntou-lhe se não queria casar-se outra vez, afim de se poder livrar das tentações continuas do demonio. A moça, porém, respondeu-lhe assim: Pois si em companhia do meu defunto marido conservei-me virgem, quanto mais agora que me acho sosinha. O padre fez lembrar muitas cousas a esta moça, porém ella tornou a dizer-lhe: O maior desejo do meu coração agora é levar até á morte conservada esta minha pureza, porém como tú és o pai da minha alma, si quizeres que me case outra vez, casar-me-ei, porém conversa primeiro com Deus, sabe primeiro qual seja bem a vontade de Deus." (34)

Eis ahi, pois, até onde chegava a capacidade desses povos que os occidentaes perverteram e destruiram.

Coube-nos a nós, descendentes de uns e de outros, isto é, das vitimas e dos destruidores, contemplar impotentes o triste crepusculo dos vencidos — visão de oprobrio e dor — que é para os

(34) Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. VI, fasciculo 2°, pag. 296.

corações sensiveis, e foi, e será sempre, um doloroso motivo de piedade e tristeza.

A luz da liberdade apagou-se para os indios no dia da descoberta, e nós os seus irmãos esperamos debalde a aurora da redenção.

"Nascidos extemporaneamente, cedo ou tarde de mais, temos soffrido todos os horrores da tempestade sem podermos gozar deste sol que só se levantará sobre nossos tumulos."

Assim, da felicidade, escreveu melancolicamente o philosopho José de Maistre.

Nós, nem essa esperança postuma podemos alimentar: o sol que illuminar os nossos tumulos cobrirá tambem o pó da raça infeliz que se terá extinguido no captiveiro e no infortunio. Nossa esperança é apenas um consolo, e nosso consolo é que ella encontrará na morte aquella absorção physiologica e social que lhe negou em vida a irmã adiantada e forte.

A materia elementar entrará de novo no laboratorio universal e renascerá um dia nas cousas e nos seres porvindouros, e quiçá naquellas cousas e naquelles seres que o indio mais amava: na pedra merencoria do pouso, no caule das palmeiras, no corpo dos beija-flores, na luz errante dos fogos fatuos, na alma das creanças, na voz do irapurú, no perfume das margaridas...

APENDICE

APENDICE

Desmandou-se o Sr. Hannibal Porto na apologia de D. Geraldo von Caloen, bispo de Phocea, prelado do Rio Branco. E tanto, pela imprensa, alardeou as iniciativas "patrioticas" do Sr. Bispo em favor daquella região do extremo norte (D. Geraldo é allemão ou belga e vive no Rio Branco desde 1915 apenas) que o Sr. Theophilo Leal, diretor de secção do Ministerio da Agricultura, julgou-se na obrigação de confutar.

Obtida a necessaria licença, vamos aqui trasladar a sua contestação tal como foi publicada no "Imparcial" de 30 de Março ultimo, fazendo apenas notar que a historia de educação de meninos indigenas e proteção de indios adultos pelo bispo von Caloen e seus companheiros — historia publicada e exaltada — acredito que *cum fide* — pelo mesmo Sr. Hannibal Porto, merece tanto credito como a da "terminação" da estrada e "valorisação" de bois, de que trata o Sr. Theophilo Leal.

Eis a carta estampada no referido numero do "Imparcial":

"A DEFESA DA UBERRIMA REGIÃO AMAZONICA

A proposito da entrevista que hontem publicámos, escreve-nos o Sr. Theophilo Leal, diretor de secção da Secretaria da Agricultura:

"Sr. redactor — Na entrevista concedida no seu numero de hontem, ao "O Imparcial", pelo Sr. Hannibal Porto, sobre as riquezas e necessidades da vasta região do Rio Branco, existem alguns pontos que não são exactos e, por isso, permitta-me V. S. que os conteste á bem da verdade de que, no caso, precisa o governo federal para sua orientação.

A estrada de "rodagem" que diz o entrevistado ter sido "recentemente terminada", é apenas uma antiga estrada para passagem de gado, aberta ha mais de 25 annos e que, ultimamente, com recursos do governo federal, pretendeu o governo do Amazonas melhorar.

Isso, porém, não aconteceu. A falta de estudos precisos, a insignificancia do recurso concedido, a incompetencia no assumpto da pessoa que dirigiu os trabalhos, tudo isso concorreu para peiorar as condições de transito da estrada, ou, melhor, da picada, notadamente nas partes onde existiam atoleiros, devido á má qualidade do aterro empregado.

Assim pensam todos os criadores, que criticam tal melhoramento e com elles pensam tambem os encarregados da passagem das boiadas por aquelle caminho, com os quaes tive occasião de conversar quando ali estive, ha poucos mezes.

Não existe, portanto, Sr. redactor, a tal estrada de "rodagem" de Boa Vista a Caracarahy, que, depois de taes "melhoramentos" veio valorizar, como diz o Sr. Hannibal Porto, o gado daquella região, que de 30$000 que valia antes, alcança hoje o preço de 180$000 por cabeça.

O Sr. Hannibal Porto está tambem mal informado neste ponto. Assisti ali, ainda ha pouco, um leilão de gado, de 300 cabeças de bois escolhidos e o maior lance alcançado foi de 95$000, isto mesmo devido á concurrencia que se estabeleceu, caprichosa, entre os marchantes.

Quanto ao impaludismo que o entrevistado diz ter tomado "proporções de uma calamidade", posso tambem asseverar a V. S., Sr. redactor, que não tive essa observação; ao contrario, o impaludismo que existe no Rio Branco não tem grande intensidade, tanto assim que percorrendo diversas localidades da região só encontrei um impaludado com os verdadeiros caracteristicos do mal e por signal que era um estrangeiro.

Finalmente, Sr. redactor, devo informar a V. S. que o Ministerio da Agricultura possue todas as informações sobre o Rio Branco, podendo, assim, com dados officiaes e quando tiver os recursos financeiros necessarios, enfrentar a solu-

ção dos seus diversos e complexos problemas economicos e sociaes.

E é assim que, exclusivamente com esses dados officiaes, antes de outros informes, o Dr. Pereira Lima mandou ali installar uma estação de monta, e o actual titular, Dr. Padua Salles, ordenou que a Directoria do Serviço de Industria Pastoril fornecesse á Inspectoria de Indios no Amazonas, para melhoria dos rebanhos de S. Marcos (Rio Branco), cinco touros Hereford, cinco touros Caracús, dois jumentos hespanhóes e dez suinos Duroc-Jersey, determinando que de lá viessem para estudos de cruzamento, etc. quatro touros e oito novilhas.

Muito grato pela publicação desta, sou de V. S. — (A.) *Theophilo Leal.*"

Estava este opusculo no prelo e já paginado até aqui, quando o Sr. Theophilo Leal publicou mais os dous artigos seguintes que, com um outro do Sr. Horta Barbosa, transcrevo tambem.

Servem essas transcripções para mostrar:

a) que as antigas Fazendas Nacionaes do Rio Branco, hoje cobiçadas por estrangeiros, e que até serem entregues ao Serviço de Proteção aos Indios *só serviam para dar despeza ao Thesouro,* logo depois dessa entrega começaram a prosperar de modo notavel, dando atualmente renda superior ás melhores espectativas;

b) que quando os indios sofrem injustiças, perseguições e crueldades, *não são os padres* os que saem a campo em defeza delles, mas os funcionarios do Serviço de Proteção;

c) que o Sr. bispo von Caloen deixa a impressão de ser, entre outros, o empreiteiro mor de um vasto plano de assalto ás terras e riquezas publicas do Rio Branco.

Eis os artigos:

AS FAZENDAS NACIONAES DO RIO BRANCO

Escreve-nos o Sr. Theophilo Leal:

"Ha no extremo norte do paiz uma vasta região, cortada de riachos e bordada de lagôas que levam á terra, nunca ferida do ancinho e da charrua, a humidade necessaria á germinação, e dividida em tres tractos que se confinam no ponto em que os rios Uraricoéra e Tacutú reunem suas aguas para formarem o Rio Branco: são as Fazendas Nacionaes. Alli, as sementes de cereaes não foram ainda confiadas a longos sulcos e as manadas selvagens e bravias, apascentam-se da gramminacea que, espontaneamente, brota do humus fertilizante.

Denominadas S. Marcos, S. Bento e S. José, desde a época de sua creação, nos tempos coloniaes, fazem aquellas fazendas parte do Patrimonio da União.

S. Marcos limita-se ao N. com o terreno neutro que termina na cordilheira de Paracaima, e o

rio Surumú; ao S. com os rios Uraricoéra e Tacutú que fazem confluencia; a L. com os rios Tacutú e Surumú; e a O. com os rios Uraricoéra e Parimé. S. Bento: ao N. com o rio Uraricoéra; ao S. com o Cauamé; a L. com o Rio Branco e a O. com o rio Uraricoéra e com o territorio da Republica da Venezuela. São José: ao N. com o rio Tacutú; ao S. com o Igarapé do Surrão, com a fazenda particular S. Pedro e terras devolutas; a L. com o rio Tacutú e terras que se extendem ao Estado do Pará; e a O. com o Rio Branco.

Na fazenda S. Marcos, moram alguns herdeiros do antigo arrendatario, Sebastião José Diniz, occupando ainda áreas de antigos retiros trabalhados, apezar da sentença de 1907, do Supremo Tribunal Federal, na acção de força nova espoliativa, intentada contra a União em 1905, por D. Anna Francisca Diniz, na qualidade de unica herdeira do arrendatario, sentença essa que considerou aquelles retiros como de posse da Nação, visto lhe pertencerem as terras devolutas do seu domnio "solo animo", não sendo precizo para conserval-as que nellas esteja presente e ininterruptamente por meio de seus representantes e serem taes terras fronteiriças a nação extrangeira.

O mesmo não acontece em relação ás fazendas S. Bento e S. José. Não existindo alli creação de gados do governo, foram e continuam a ser invadidas e occupadas por grande numero de criadores; muitos se declaram já seus proprietarios pelo "usucapião" e alguns por titulos definitivos concedidos pelo Governo do Estado do Amazonas,

que nenhuma attenção presta aos protestos opportunos que lhe têm sido dirigidos, nellas apascentando para mais de 100.000 bovinos.

Nestas condições, urge providencia immediata por parte do Governo Federal.

Grande é já o numero de seus moradores e não menor o dos que desejam alli montar a sua tenda. Escolhidas e separadas as terras sufficientes ao desenvolvimento das fazendas de creação do Governo Federal, poderia este dar em emphyteuse, methodo adoptado pelo Governo Inglez em sua Guayana, cerca de 2.000.000 de hectares. Esse arrendamento deverá ser submettido a certas condições, como a de desapropriação por parte do Governo por serem terras fronteiriças a nações extrangeiras e sujeitas, portanto, a serem utilizadas em serviço de defesa nacional. Estabelecido o indicado estatuto juridico, ficaria assim assegurado o Patrimonio Federal contra as usurpações que o mesmo vem soffrendo de ha muito.

Além da vantagem acima assignalada, o aforamento traria como consequencia a delimitação das grandes extensões de terrenos em mãos de pessoas que não as podem aproveitar totalmente, e garantiria o pequeno criador contra as violencias do arbitrio. Areas consideraveis de terras da fazenda S. Bento estão em mãos de firmas commerciaes da praça de Manáos e não menores da fazenda S. José, na de proprietarios de seringaes que demoram no Rio Madeira, os quaes actividade alguma de utilidade geral lá podem exercer.

Já Plinio, estudando a decadencia de Roma dizia "que os latifundios tinham perdido a Italia".

Assim, o aforamento das terras daquellas duas fazendas se impõe como medida indispensavel e imprescindivel: estabelecendo-se a taxa de $040, ao hectare, por anno, até 1.000 e augmentando-se progressivamente essa taxa, na razão quintupla para cada mil hectares outros ou fracção a serem accrescidos aos já adquiridos, o que evitaria grandes áreas sem aproveitamento em mão de cada emphyteuta e obrigaria o creador a melhorar as pastagens.

Aos bovinos que alli existem, producto dos exemplares transportados para aquella região nos tempos da Colonia, sem haverem recebido contacto de reproductores nobres que lhes dessem novas energias e melhor plastica, que já não possuem devido ao definhamento progressivo que lhes produzem o proprio meio e o abandono em que vivem, necessario se tornava o enxerto de vigoroso e sadio sangue. Não só a bovinocultura daquella região devia ser modificada, de modo a augmentar o peso e a qualidade da carne, a quantidade e riqueza do leite, mas outras culturas podiam e deviam ser iniciadas alli, como a creação de muares, cujo preço e aproveitamento nos seringaes são promissores e de grande emprego no transporte da borracha.

Foi attendendo a essas razões que o Dr. Pereira Lima, alli mandou installar uma estação de monta e o actual titular, Dr. Padua Salles, orde-

nou a remessa, para a fazenda do Governo em São Marcos, de diversos reproductores nobres.

Mas não bastavam essas medidas. A melhoria dos campos se impunha, cultivando-os de novas e succulentas graminaceas forraginosas, assim como de leguminosas indigenas e exoticas, que devem constituir com aquellas a associação vegetativa dos prados de uma fazenda orientada pelos methodos e processos da zootechnia moderna, para o que as culturas devem ser mecanicas, havendo a irrigação necessaria para os mezes de verão, e construindo-se cercas e cercados que permittam a facil selecção do gado, e outras installações que se tornassem necessarias.

Desta parte não se descuraram o funccionario sob cuja direcção se encontra aquella fazenda, o operoso Inspector do Serviço de Indios, Dr. Bento Martins Pereira de Lemos, e o respectivo administrador Alipio Vieira de Freitas, homem pratico nos trabalhos campesinos e devotado zelador do Patrimonio Nacional confiado á sua guarda.

Lá os deixei a plantarem os campos de novas gramineas e a construirem cercas e cercados para a selecção e melhoria do gado. Que sirvam estes trabalhos de incentivos aos criadores do Rio Branco!

Foram entregues ao Serviço de Protecção aos Indios, quando aquelle proprio passou para a direcção do Ministerio da Agricultura, aos 10 de Fevereiro de 1915, 3.842 cabeças de gado vaccum.

Tres annos depois o inventario accusava a existencia de 6.386 bovinos e a Delegacia Fiscal recolhera aos seus cofres a importancia de 40:000$000, renda daquella fazenda; convindo observar que o numero de vaccas, por occasião do recebimento, embora grande, era constituido em não pequena parte de animaes velhos e imprestaveis para a padreação. Tudo isto foi obtido sem verba sufficiente para o seu custeio, sem mesmo ter sido distribuido o credito votado para o anno de 1916, e estando ainda todo o seu pessoal no desembolso dos seus salarios relativos áquelle anno.

E é assim que aquelles dous funccionarios empregam suas forças conjugadas no sentido de transformar em fonte de receita e de beneficio publico aquella fazenda, que só servio para os arrendatarios e administradores ,ao tempo em que a mesma se achava sob a direcção de outros departamentos da administração publica."

(*Jornal do Commercio*, de 3 de Abril de 1919).

A REGIÃO DO RIO BRANCO

OS TRANSPORTES E O PROBLEMA INDIGENA

Escreve-nos o Sr. Theophilo Leal:

"A natureza não raras vezes reune em um ponto da terra os elementos necessarios á satis-

fação das exigencias, de mais a mais maiores e multiplas, das sociedades e, os apresentando cercados de obstaculos, que desafiam a coragem e estimulam a energia, mostra que a sua consecução importa os trabalhos e as fadigas que ennobrecem o homem. Em Rio Branco existem esses elementos; mas lá tambem estão as cachoeiras que retardam e difficultam o desenvolvimento da região.

Como resolver o problema dos transportes do gado e dos seus productos durante metade do anno?

Varios são os alvitres que se apresentam. ou construindo-se uma estrada de Manáos a Boa Vista, ou rompendo-se a parte encachoeirada do Rio Branco, ou rasgando-se uma estrada de rodagem de Caracarahy a Boa Vista, ou, ainda, melhorando-se a que evita as cachoeiras. O primeiro alvitre não passa de vagas cogitações: nenhum exame, nenhum estudo foi tentado sobre a possibilidade do traçado, que parece inexequivel devido ao grande numero de rios caudalosos que atravessam os terrenos por onde poderia a estrada passar. A desobstrucção da parte encachoeirada não modificária o regimen das aguas, prejudicando-o? Não são ellas represas naturaes ás aguas de montante, que assim são conservadas para as pequenas embarcações e para a propria vida dos seres que demoram aquem das cachoeiras? A estrada de rodagem de Boa Vista e Caracarahy noã traria vantagens immediatas. E' justamente a parte do Rio Branco que não possue criação de gado: os cam-

pos ficam além. O Rio Branco é uma Mesopotamia, e os rios não são os conductos naturaes para escoamento da producção?

Só a estrada que livra as cachoeiras, seja melhorando-se a que lá existe, seja construindo-se nova com todas as condições technicas indispensaveis offerece actualmente vantagens.

A' questão dos transportes prende-se outra porventura muito mais importante, pela delicadeza e moralidade de sua solução, que viria integralisar os problemas economicos e sociaes do Brasil.

São os indios das tribus Macuxy e Uapixana os unicos trabalhadores ruraes e braçaes da região. Já nas culturas, já nas campeadas, já nas lutas contra as cachoeiras, que, como acima disse, retardam e difficultam o desenvolvimento daquella zona, são os indios dessas tribus, repito, que trazem o seu esforço e a sua coragem ao civilizado que os explora, os despreza, os maltrata, apezar de facilitarem ao civilisado alimentação, que este não produz, e offerecerem-lhe valor, que tambem não passúe.

Em Boa Vista encontrei , quando lá estive ha poucos mezes, um sargento, mandante inconsciente de barbaras sevicias, expulso da policia unicamente pela acção devotada do Dr. Bento Martins Pereira de Lemos junto ao commandante daquella força estadoal.

E sobre a mesa tenho um "Diario Official" daquelle Estado, em que se lê o acórdão do Su-

premo Tribunal de Justiça do Amazonas, concedendo, a requerimento da Inspectoria de Indios, ordem de "habeas-corpus" para uma india vendida no Rio Negro.

Eis o facto:

No dia 23 de Fevereiro do anno proximo passado, o individuo Ludoviz F. de Oliveira Reis e Benedicto Salazar de Abreu, subdelegado de policia da villa de Barcellos, appareceram no barracão de Ernesto de Avila e Souza, em São Gabriel, e, alli chegando, explicou Salazar o motivo da visita. Disse que recebera um officio do Delegado de Policia de Barcellos, exigindo a entrega das indias Rosa do Tatú Pirêra e Ignacia (que estavam sob a protecção de Avila), as quaes deviam garantir com as suas pessoas as dividas de seus maridos, e, em taes condições, serem entregues aos visitantes.

Recusou-se Avila a fazer a alludida entrega. Mas, o Subdelegado Salazar deu-lhe a escolher entre a entrega e o pagamento de 5:300$, mostrando-lhe um papel assignado pelo escrivão Leonidas (de Barcellos), no qual se via que, no triste caso, estava implicado o Juiz de Orphãos dessa localidade.

Avila, não podendo repellir a aggressão, liquidou por 1:200$ a conta do marido de Ignacia, que continuou por isso em seu poder, deixando, para não ser preso, que Ludoviz F. de Oliveira Reis e Benedicto Salazar de Abreu conduzissem a india Rosa.

Horas depois era esta vendida a José Rodrigues Bentes por 1:000$000!

Difficil é, portanto, a acção da Inspectoria de Indios no Estado do Amazonas, pela vastidão do territorio, obstaculos nos transportes, má vontade das autoridades estadoaes, ganancia e sensualidade dos seringueiros, e tambem pela exiguidade das verbas votadas para attenderem a todos os trabalhos de protecção aos aborigenes, que demoram em numerosos bandos de pequenos agrupamentos em todo o valle do Amazonas.

O problema do Indio consiste em sua localização ou na passagem do estado nomade para o sedentario. Basta esta observação para se vêr quão cheia de difficuldades é a sua solução. Todo o progresso da humanidade nos centros industriaes das grandes communidades politicas, que hoje causam admiração, dependeu desse facto.

A industria, a lavoura e o commercio só podem ser considerados como forças sociaes, nos lugares em que a vida do homem se prende a um certo "habitat".

Mas, apezar dessas difficuldades, ao contrario estimuladas por ellas, o Inspector do Serviço de Indios no Amazonas dedica-se ao problema da localização dos selvicolas.

Uma questão primordial se apresentava para a solução desse problema e o Inspector a resolveu obtendo do Poder Legislativo do Estado amazonense a lei n. 941, de 16 de Outubro de 1917, que autoriza o respectivo Governador a

conceder como posses immemoriaes, havidas por occupação primaria, todas as terras possuidas actualmente por Indios selvagens ou semi-civilizados

Para a effectividade dessa concessão torna-se necessario que as respectivas medições e demarcações sejam realizadas pelo Governo da União dentro do prazo de tres annos, a contar da data da promulgação da citada lei.

Pois bem; já foram medidos e demarcados sete lotes dessas terras, embora a Inspectoria se componha sómente do Inspector e um ajudante. E' com amor, evitando attritos com as autoridades estadoaes, que o Dr. Bento Martins Pereira de Lemos zela pelos direitos conferidos aos Indios; garante a effectividade da posse das terras occupadas por indigenas; põe em pratica os meios efficazes para evitar que os civilizados invadam as suas terras; faz respeitar a organização interna das diversas tribus, sua independencia, seus habitos e instituições, não intervindo para alteral-os, senão com brandura e consultando sempre a vontade dos respectivos chefes; promove, por meios legaes, a punição dos crimes commettidos contra os Indios; fiscaliza o modo por que elles são tratados nos aldeiamentos e casas particulares; exerce vigilancia para que não sejam coagidos a prestar serviços e véla pelos contratos que são feitos com elles para qualquer trabalho; e, finalmente, procura manter relações e desenvolvêl-as com as tribus, velando sempre,

sem descanço, pela segurança e pela tranquillidade dos filhos das selvas."

(Do *Jornal do Commercio* de 4 de Abril de 1919).

OS INDIOS DO RIO BRANCO

UMA CARTA DO SERVIÇO DE PROTECÇÃO AOS INDIOS

Escreve-nos o Dr. L. B. Horta Barbosa, director do Serviço de Protecção aos Indios:

"A Noticia" de hontem, publicando a exposição que ao Sr. Presidente da Republica fez agora D. Gerardo van Caloen, dos trabalhos que diz ter emprehendido na prelazia do Rio Branco, para assistencia aos indios daquella região, afirma que "com os processos pretenciosos da catechese leiga tudo falhou e o presidente viu claramente, não apenas as promessas, mas as realidades, que lhe foi expôr D. Gerardo, dos frutos abençoados que em sua catechese os religiosos de sua Ordem têm conseguido obter".

Queremos crer que o estimado vespertino tenha pretendido aludir, com a denominação de "catechese leiga", ao Serviço de Protecção aos Indios, serviço official a que, não raro, se cortam recursos para prodigalisal-os a instituições e iniciativas privadas que se propõem a fazer o que áquelle cabe por effeito de lei e a quem, de habito, se inquina de falho e inutil, desconhecendo o que elle faz ou escurecendo o que se conhece.

Se assim é, o brilhante verpertino commetteu, de boa fé, uma seria injustiça que se faz mister corrigir.

Ao contrario da affirmativa de que "tudo falhou", todos os factos se encarregam de provar que, na appellidada "catechese leiga", tudo tem confirmado a excellencia dos seus processos.

Esses processos visam duas acções distinctas, comquanto connexas, por ser uma a sequencia natural e necessaria da outra. A primeira é a pacificação dos indios bravios; a segunda é a protecção aos mansos, defendendo-os contra as violencias e explorações dos proprios civilisados, assegurando-lhes as terras em que vivem, não permittindo o esbulho do producto de seu trabalho, oppondo-se aos que os procuram escravisar ou illudir, estabelecendo, em muitos pontos, a educação da actividade do indio, pelas povoações e postos indigenas, onde se os localisa e se lhes dá o ensino rural e uma instucção condizente á sua situação.

Que os processos do Serviço de Protecção aos Indios não falharam quanto á primeira, evidencia-o a pacificação dos Nhambiquaras, de Matto Grosso, dos Caingangs, de S. Paulo, dos Botocudos, de Santa Catharina, e, no que toca ao Amazonas, dos Jauaperys, para não citar sinão estes; e quanto á segunda, prova-o o que estão realisando a inspectoria do Paraná na Povoação Indigena de S. Jeronymo, de indios "coroados", e nos varios postos da sua região; a de S. Paulo na de Araribá, de indios guaranys, e

nos postos da Vanuire e Icatú, a do Espirito Santo nos do Pancas e do Eme e ainda a do Amazonas, para não alongar a relação, na Fazenda Nacional de S. Marcos, na propria região do Rio Branco, onde o illustre missionario benedictino tão devotadamente se propõe a arrombar uma porta aberta.

Nessa fazenda de S. Marcos, assente em terras da União e onde existem, só de gado bovino, 6.380 cabeças, segundo o ultimo senso, os indios mansos Macuchys, Jaricunas e Uapichanas, que fornecem a quasi, senão a totalidade dos vaqueiros, trabalhadores ruraes e canoeiros da região do Rio Branco, encontram, em grande somma, terras, assistencia e trabalho conscienciosamente remunerado; e fóra desse importantissimo nucleo, a Inspectoria do Amazonas tem desenvolvido, com muito esforço e poucos recursos, a acção protectora aos indios, já mansos, já selvagens, em varios postos de attracção e vigilancia. Ainda recentemente para não citarmos senão este trabalho, a Inspectoria fez a demarcação de sete lotes de terras, com a area total de 38.286.126 m2., nos Autazes, no baixo Amazonas e no lago Murutinga, com o que assegurou a propriedade legal do "habitat" dos indios Muras, objecto constante, como outros, de usurpações de extranhos.

Não pretendemos esmiuçar quaes são "as realidades" apresentadas tão claramente ao Sr. Presidente da Republica, conforme diz esse estimado diario, pelo prelado do Rio Branco; podemos affirmar, entretanto, que em materia quer

de pacificação, quer de protecção, nenhum catechista nada tentou, nem pensa tentar nessa região e muito menos adeantou ao negado e combatido esforço do serviço official. O facto de ter D. van Caloen alguns indios trabalhando na sua fazenda não lhe dá benemerencia superior á dos outros fazendeiros, que empregam tambem indios e em escala muito maior. E a affirmação de D. Caloen, de que para fazer mais necessita apenas de auxilios officiaes, que lhe faltam, é bastante estranha para quem póde ver na lei orçamentaria que esses não lhe têm sido absolutamente regateados.

Como se vê, a assistencia benedictina não leva tantas vantagens, como fizeram crer á "Noticia", á "catechese leiga".

A questão, no seu ponto de vista justo, se resume em saber si o governo federal, além de ter as terras das fazendas nacionaes de S. Marcos, S. Bento e S. José invadidas por intrusos, que ali se estabeleceram em falsas propriedades, poderia ainda subvencionar o missionario benedctino, dono de uma dessas propriedades, para que elle desenvolva as suas lavouras e rebanhos, ficando, ainda, por conta do erario publico, como administrador de todos os serviços de utilidade geral que o governo entenda crear em uma região fronteiriça da Venezuela e da Guyana Ingleza.

E' que D. Gerardo van Caloen, prelado do Rio Branco e condoido protector de uma região "abandonada", onde só de civilisados existe uma

população superior a 10.000 almas, muito maior que a dos indios, tem pleiteado (o que vos passou, de certo, despercebido) apenas o seguinte: o estabelecimento de uma linha de navegação no rio Branco, dando a União as lanchas que possúe e uma subvenção para o custeio da linha, que elle superintenderá; a entrega (que conseguiu do governo do Amazonas) da quantia de 50 contos que a União deu áquelle Estado para a construcção de uma estrada de rodagem entre dois pontos da região, ficando elle o constructor e dirigente dos serviços de viação; a direcção agora dos serviços de hygiene, com medicos, enfermeiros e remedios pagos pelo governo; a superintendencia, finalmente, do serviço de assistencia aos indios, aos indios mansos e trabalhadores, com a annullação da unica repartição federal ali existente e que, por isso mesmo, precisa ser desmoralisada e combatida como estorvo.

O plano, como se vê, é vasto e audaz; e a imprensa e muitos homens de boa fé dão-lhe apoio e força. E' este perigoso engano que não póde persistir e que não presistirá com o silencio, ao menos, da repartição que dirijo.

Acceite o brilhante vespertino os meus agradecimentos pela publicação destas linhas.— Rio, 2 de Abril de 1919".

(Da *Noticia* de 4 de Abril de 1919).

TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO", DE RODRIGUES & COMP.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

